

ANAIS DE EVENTO

1º Simpósio de Estudos Críticos de Feminismos,  
Gênero, Consumo e Capitalismo

# Gênero e esportes: o que os feminismos têm a dizer sobre práticas esportivas?



## FICHA CATALOGRÁFICA

Simpósio de Estudos Críticos de Feminismos, Gênero, Consumo e  
Capitalismo(1.: 2023 : Recife).

Anais do I Simpósio de Estudos Críticos de Feminismos, Gênero, Consumo e Capitalismo, 7 de dezembro de 2023, E [recurso eletrônico]: Gênero e Esportes: o que os feminismos têm a dizer sobre práticas esportivas /organizado por Soraya Barreto Januário, Paloma Souza de Castro Melo, Mateus de Melo Albuquerque, Danyelle Alves da Paixão [realização UFPE] - - Recife: UFPE, 2023.

74 p.

Edição digital

ISSN: 978-65-272-0543-2

1. Gênero. 2. Consumo. 3. Esportes. 4. Feminismos I. Januário, Soraya Barreto, org. II. Melo, Paloma Souza de Castro, org. III. Albuquerque, Mateus de Melo, org. IV. Paixão, Danyelle Alves da, org. V. Título: ]: Gênero e Esportes: o que os feminismos têm a dizer sobre práticas esportivas



## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

1

**“VEM TORCER COM A GENTE!”:** análise da Copa do Mundo Feminina 2023 nas redes sociais do ge (Facebook e Instagram)

ANA LÚCIA NISHIDA TSUTSUI; GUILHERME MASSAO DE OLIVEIRA LIMA HIGA; JOÃO PEDRO NERI ROZALEM

Universidade Anhembi Morumbi

2-4

**LEVANTAMENTO DAS TRANSMISSÕES DO FUTEBOL DE MULHERES:** Apontamentos críticos sobre o Campeonato Brasileiro

ANDERSON DAVID GOMES DOS SANTOS

Universidade Federal de Alagoas, UFAL

5-6

**FEMMES DU TOUR:** Narrativas e autorrepresentações das ciclistas do Tour de France Femmes

André Quintão da SILVA

Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG

7-9

**A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NO ESPORTE NA IMPRENSA FEMINISTA DURANTE A SEGUNDA ONDA DO MOVIMENTO NO BRASIL**

CAROLINA BORTOLETO FIRMINO; ÉRIKA ALFARO DE ARAÚJO<sup>1</sup>

Universidade Estadual Paulista, Unesp

10-12

**A DIVA POP NO FUTEBOL AMERICANO:** Relações performáticas entre gênero, esporte e música no Super Bowl

EDUARDO RODRIGUES; PALOMA DE CASTRO

Universidade Federal de Pernambuco, UFPE

13-15

**O FUTEBOL DE MULHERES NA CHINA:** Do *Cuju* à experiência da Faculdade Internacional de Futebol, da Universidade Tongji

EMANUEL LEITE JUNIOR

Faculdade Internacional de Futebol, Universidade Tongji, China

16-19

---

<sup>1</sup> Jornalista e Doutoranda no programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp, campus Bauru – SP, Brasil. Desenvolve pesquisa com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2022/00984-0. E-mail: erika.araujo@unesp.br.



**MULHERES TRANS E A VULNERABILIDADE PARA PARTICIPAÇÃO EM COMPETIÇÕES ESPORTIVAS**

Fernanda do Nascimento Grangeão  
Universidade Federal de Pernambuco, UFPE  
20-21

**COLIGAY E A REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL E ESPACIAL NO FUTEBOL: A construção de identidade na geografia por uma torcida LGBTQIAPN+**

FERNANDA CAMILE HENTGES  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste  
22-24

**DAS QUADRAS ÀS RUAS: O esporte como palco da revolução antirracista. Como as atletas de Estados Unidos e Brasil se mobilizaram diante do levante mundial contra o racismo de 2020**

Gianluca Florenzano  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP  
25-26

**MAIS DE TRINTA ANOS DEPOIS: Hipóteses do jornalismo esportivo para a saída de Cuca do Corinthians**

GUSTAVO ANDRADA BANDEIRA  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS  
27-30

**SER MULHER E ATLETA PROFISSIONAL NA PRÁTICA ESPORTIVA DO XADREZ:**

análise das trajetórias em suas estratégias e obstáculos enfrentados a partir de uma perspectiva de gênero

JÉSSICA DOS ANJOS JANUÁRIO  
Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP  
ISABELA RIBEIRO FERREIRA  
Instituto Federal do Paraná, IFPR  
LIZIANE NATHÁLIA VICENZI  
Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC  
31-33

**ALÉM DOS MÚSCULOS: Desafio às masculinidades hegemônicas no fisiculturismo**

JOÃO VÍTOR NUNES MARQUES  
Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG  
34-36

**GÊNERO E FUTEBOL FEMININO: análise dos discursos de pessoas envolvidas numa competição escolar**

LÍGIA LUÍS DE FREITAS  
Centro Escolar Municipal de Atividades Pedagógicas Integradoras Arthur da Costa Freire, Cemapi  
37-38



**A CONSTITUIÇÃO SOCIOCULTURAL DA COMUNIDADE ENXADRÍSTICA DE MULHERES NO BRASIL:** recorte dos eixos de análise relativos aos aspectos sobre a idade e a atuação profissional desta população  
LIZIANE NATHÁLIA VICENZI

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

JÉSSICA DOS ANJOS JANUÁRIO

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

TAÍS JULIÃO

Universidade de Brasília (UnB)

39-41

**AS “DONAS” DAS ARQUIBANCADAS:** A representação de torcedoras símbolos através das páginas da Revista Placar

MARIA KAROLINNE RANGEL DE MELLO

Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG

42-44

**MAIS DO QUE “FADINHA DO SKATE”:** construções discursivas de Rayssa Leal nas peças publicitárias de Nescau e Banco do Brasil

MONIQUE DE SOUZA SANT’ANNA FOGLIATTO

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp- Campus de Bauru

45-46

**FUTSAL FEMININO NA ESEFFEGO:** driblando preconceitos na extensão universitária

NÍVEA MARIA S. MENEZES

Universidade Estadual de Goiás, UEG

Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás/UnU ESEFFEGO

47-48

**E EU NÃO SOU UMA MULHER?** Mulheres negras e seus processos de autovalorização e resistência no jornalismo esportivo

RAFAELA CRISTINA DE SOUZA

Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG

49-51

**REPRESENTAÇÕES SOBRE GRAVIDEZ E MATERNIDADE DE ISABEL SALGADO NA MÍDIA BRASILEIRA DOS ANOS 1980**

RAQUEL SIMAS

Universidade Federal Fluminense,UFF

52-55

**O IMAGINÁRIO DE MASCULINIDADES NOS CANTOS DA TORCIDA DO GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE**

SORAYA DAMASIO BERTONCELLO

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS

56-58





**AS REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS SOBRE ASSÉDIO NO ESPORTE**

TARCYANIE CAJUEIRO SANTOS

Universidade de Sorocaba, UNISO

59-60

**A TRANSMISSÃO TELEVISIVA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA PRODUZIDA POR  
DIFERENTES EMISSORAS**

TATIANA ZUARDI USHINOHAMA

Universidade Federal Fluminense,UFF

LETÍCIA PASSOS AFFINI

Universidade Estadual Paulista,UNESP

MARCO ROXO

Universidade Federal Fluminense,UFF

61-64

**ÇA VA SPORTV: AS MULHERES NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO TELEVISIVA NO BRASIL**

THAIS MAY CARVALHO

LUCIANO VICTOR BARROS MALULY

Universidade de São Paulo, USP

65-67

**RACISMO NA MÍDIA ESPORTIVA:** A reprodução de discursos racistas e os regimes racializados de  
representação na cobertura futebolística

VINÍCIUS LUCENA DE OLIVEIRA

Universidade Federal de Pernambuco, UFPE

68-70



## APRESENTAÇÃO

O 1º Simpósio de Estudos Críticos de Feminismos, Gênero, Consumo e Capitalismo teve como objetivo reunir pessoas pesquisadoras, estudantes e demais interessadas(os/es) para debater temáticas dos estudos feministas e de gênero. Em sua primeira edição, o Simpósio teve como tema “*Gênero e esportes: o que os feminismos têm a dizer sobre práticas esportivas?*”. O evento contou com trabalhos que se relacionavam com os eixos temáticos abaixo:

1. Futebol das mulheres: do torcer à prática;
2. LGBTQIAPN+ nos esportes;
3. Esportes e masculinidades;
4. Gênero e mídia esportiva;
5. Esportes, Raça e Interseccionalidades.

O Simpósio foi realizado durante todo o dia 07 de dezembro de 2023 e contou com uma Mesa Redonda, que teve a participação das professoras doutoras Silvana Goellner (UFRGS) e Ana Carolina Vimieiro (UFMG) e mediação da doutoranda Paloma de Castro (PPGCOM/UFPE). O evento foi organizado pelo Fegeccap - Núcleo de Estudos Críticos de Feminismos, Gênero, Consumo e Capitalismo, Grupo de Pesquisa do CNPq, coordenado pela Profa. Dra. Soraya Barreto Januário (PPGCOM/UFPE), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE.

O simpósio contou com um total de 144 participantes inscritos, 26 Resumos Expandidos aceitos para apresentação, 5 grupos de trabalho e 10 sessões temáticas, 37 pessoas pesquisadoras, entre autoras e co autoras, apresentaram trabalhos no 1º Simpósio de Estudos Críticos de Feminismos, Gênero, Consumo e Capitalismo.

O evento decolou para 4 das 5 regiões brasileiras e recebeu, durante as Sessões de Seminário, pessoas pesquisadoras do Nordeste, do Sudeste, do Centro-Oeste, e do Sul. Dentre as pessoas que apresentaram suas pesquisas, 26 contribuíram a partir de investigações realizadas em instituições públicas de ensino.

Em relação à internacionalização, contamos com a presença de um pesquisador da Universidade Tongji, na China. Também experimentamos bastante interdisciplinaridade, recebendo pessoas pesquisadoras de departamentos de Comunicação, Ciências Sociais, Relações Internacionais, Antropologia, Educação, Educação Física, Geografia, Direitos Humanos, Políticas Públicas, Estudos do Lazer e Ciência, Tecnologia e Sociedade.

**Fegeccap - Núcleo de Estudos Críticos de Feminismos, Gênero, Consumo e Capitalismo**

(CNPq/UFPE)



**“VEM TORCER COM A GENTE!”:**  
análise da Copa do Mundo Feminina 2023 nas redes sociais do ge (Facebook e Instagram)

ANA LÚCIA NISHIDA TSUTSUI<sup>2</sup>  
GUILHERME MASSAO DE OLIVEIRA LIMA HIGA<sup>3</sup>  
JOÃO PEDRO NERI ROZALEM<sup>4</sup>  
Universidade Anhembi Morumbi

## RESUMO

A presente pesquisa é fruto do trabalho desenvolvido pelo grupo de Iniciação Científica “Comunicação Esportiva, Mídia e Futebol”, da Universidade Anhembi Morumbi, coordenado pela professora Ana Lúcia Nishida Tsutsui e composto por cinco graduandos de Jornalismo: Guilherme Higa, Isabella Tavares, Izabela Malagola, João Pedro Rozalem e Thiago Gomes.

Para nos adequarmos às exigências do 1º Simpósio de Estudos Críticos de Feminismos, Gênero, Consumo e Capitalismo – de um máximo de dois coautores por trabalho inscrito –, optamos pela fragmentação do corpus de pesquisa em duas partes. Isso explica o porquê os tópicos contextualização do tema, problema de pesquisa, objetivos, metodologia e fundamentação teórica serão os mesmos em ambos.

A cobertura jornalística do futebol de mulheres no Brasil passou por uma significativa transformação nas últimas décadas (Januário et al., 2020; Januário; Knijnik, 2022; Kessler et al., 2022). Até recentemente, a visibilidade e o espaço dedicados ao futebol feminino nas mídias hegemônicas eram limitados ou inexistentes – e frequentemente estigmatizados (Almeida, 2016) – em contraste com o amplo destaque concedido ao futebol masculino (Lima et al., 2019). Nos últimos anos, no entanto, temos observado um avanço positivo nesse cenário, mesmo que ele ainda esteja longe de ser igualitário (Goellner, 2005).

Jornalistas esportivos e organizações dedicadas ao esporte feminino também têm desempenhado um papel fundamental na ampliação da cobertura. Por fim, o debate sobre igualdade de gênero no esporte tem ganhado destaque na sociedade, impulsionando a discussão sobre a importância de uma cobertura equitativa para o futebol de mulheres.

Frente a esse panorama, partiu-se da seguinte indagação: Como se dará a cobertura da Copa do Mundo

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru), mestre e jornalista pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), professora da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), analuciatsutsui@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduando de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), guilhermemassao.higa@gmail.com.

<sup>4</sup> Graduando de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), jpnerirozalem@hotmail.com.



Feminina de 2023? O objetivo é compreender o futebol enquanto fenômeno, considerando seus aspectos sociológicos e históricos, além de analisar as relações entre esporte e gênero em perspectiva comunicacional.

Para tal ensejo, optamos por analisar as redes sociais Facebook, Instagram, Twitter, TikTok e YouTube do ge (globoesporte.com) – portal de notícias esportivas do Grupo Globo, maior conglomerado de mídia do país e detentora dos direitos de transmissão do evento. Neste trabalho, em específico, apresentaremos os resultados das redes Instagram e Facebook, ambas de propriedade da Meta, empresa comandada por Mark Zuckerberg.

Metodologicamente, o trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica e na análise de conteúdo (Bardin, 1977). A fase de investigação teórico-empírica levou em consideração o período de 18 de julho a 28 de agosto de 2023. Por meio da análise quantitativa e qualitativa, foram selecionados, categorizados e analisados os posts, reações e comentários relacionados à competição.

Como resultados, foi possível comprovar a promoção da mídia no que se refere ao futebol de mulheres – em específico, a Copa do Mundo de 2023 – tanto no Facebook quanto no Instagram. A análise verificou uma atitude torcedora e entusiasta do ge em relação à competição. As postagens concentraram-se no anúncio dos jogos, estatísticas, resultados e curiosidades, não sendo notados conteúdos textuais ou fotográficos de erotização das atletas nem expressões de cunho machista, como por exemplo “musas”.

A maior visibilidade midiática, entretanto, não significa necessariamente maior apoio e valorização da modalidade junto à opinião pública. Em ambas as redes analisadas, verificou-se a predominância de comentários misóginos e de depreciação, o que indica que há ainda um longo caminho a percorrer no que tange à igualdade de gênero no cenário do futebol brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol de mulheres; Copa do Mundo Feminina 2023; ge; redes sociais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caroline Soares de. Belas e feras, nós e as masculinizadas: discursos, corporalidades e significações. In: KESSLER, Cláudia Samuel. **Mulheres na área:** gênero, diversidade e inserções no futebol. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In: **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.



JANUÁRIO, S. B.; LIMA, C. A. R.; LEAL, D. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. In. **Observatório** (2020) 14 (4), p. 42 – 62.

JANUÁRIO, S. B.; KNIJNIK, J. (org.). **Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e Equidade**. Recife : Ed. UFPE, 2022, p. 118 – 235.

KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva (org.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria, RS: UFSM, 2022.

LIMA, C; BRAINER, L; JANUÁRIO, S. **Elas e o Futebol**. João Pessoa: Editora Xeroca!, 2019.



**LEVANTAMENTO DAS TRANSMISSÕES DO FUTEBOL DE MULHERES:**  
Apontamentos críticos sobre o Campeonato Brasileiro

ANDERSON DAVID GOMES DOS SANTOS<sup>5</sup>  
Universidade Federal de Alagoas

**RESUMO EXPANDIDO**

O presente trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Levantamento das transmissões dos futebolis no Brasil”, realizado pelo grupo de pesquisa Crítica da Economia Política da Comunicação (CEPCOM), da Universidade Federal de Alagoas, em parceria com o Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação. Trata-se da primeira etapa da constituição do Observatório das Transmissões de Futebolis ([observatoriodefutebolis.com.br](http://observatoriodefutebolis.com.br)).

O objetivo geral deste resumo é discutir um dos recortes da coleta, que é a identificação da transmissão do Campeonato Brasileiro Série A1 de futebol de mulheres no Brasil desde seu surgimento, em 2013. A partir desses dados, verificar a possível evolução no interesse em adquirir os direitos de transmissão deste torneio como reflexo de mudanças dos processos de mercantilização de torneios dessa modalidade para a difusão enquanto programa para adquirir mercadoria audiência por grupos midiáticos brasileiros.

A partir da base teórico-metodológica da Economia Política da Comunicação (EPC), aproveita-se dos dados coletados coletivamente pelos membros do projeto em sites de notícia e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para apresentar pesquisa qualitativa, que desenvolve método descritivo e interpretativo para fazer a discussão sobre a visibilidade midiática do futebol de mulheres a partir de um estudo de caso, o do principal torneio nacional.

Isso se faz importante porque, conforme Santos (2014), o futebol se torna prática sociocultural profissionalizada e relevante no modo de produção capitalista ao criar estruturas específicas de poder que reproduzem diversos níveis de contradições sociais. Assim, “a análise que tem como perspectiva a estruturação permite entender o poder em seu funcionamento na constituição, interação e no nível micro das práticas sociais” (Santos, 2014, p. 565).

No caso que nos interessa aqui, das visibilidade do futebol praticado pelas mulheres, é preciso compreender, como afirmam Januário, Cardoso e Veloso (2016, p. 170), que este esporte “foi naturalizado em estruturas associadas à construção da masculinidade e da virilidade”, o que auxiliou na falta de visibilidade da sua

<sup>5</sup> Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), professor da Unidade Educacional Santana do Ipanema/Campus Sertão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), [anderson.gomes@santana.ufal.br](mailto:anderson.gomes@santana.ufal.br).



prática pelas mulheres, com participação da mídia para isso.

O levantamento a ser apresentado serve para demonstrar, num estudo de caso, como a mídia não demonstra interesse no início do Campeonato Brasileiro, com as duas primeiras edições sem transmissão pela TV aberta; enquanto um grupo privado de TV aberta nacional só começa a transmitir jogos do torneio em 2019, ano da Copa do Mundo FIFA França, apontada como marco de um efetivo processo de difusão midiático da modalidade no mundo.

Assim, é possível verificar, conforme Januário, Cardoso e Veloso (2016, p. 172) que: “Como uma das estruturas responsáveis pela transmissão e produção e reprodução de subjetividades, a mídia não pode ser enxergada como simples aparato tecnológico, uma vez que assume funções sociais no mundo moderno”. De maneira que segue a possuir papel relevante ao não difundir esta modalidade esportiva com a mesma intensidade que a sua versão praticada por homens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mídia; Campeonato Brasileiro; Futebol de mulheres; Economia Política da Comunicação.

## REFERÊNCIAS

JANUÁRIO, S. B.; VELOSO, A. M. da C.; CARDOSO, L. C. F. Mulher, Mídia e Esportes: A Copa do Mundo de Futebol Feminino Sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos. **Revista Eptic**, São Cristóvão, v. 18, n. 1, p. 168-184, jan./abr. 2016.

SANTOS, A. D. G. dos. Os três pontos de entrada da economia política no futebol. **Rev. Bras. de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 561-575, abr./jun. 2014.



### FEMMES DU TOUR:

Narrativas e autorrepresentações das ciclistas do Tour de France Femmes

André Quintão da SILVA<sup>6</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

## RESUMO

O recente aumento na participação de mulheres em competições oficiais ainda coexiste com uma realidade marcada por discrepâncias de oportunidades, onde o estereótipo de gênero, desigualdade na distribuição de prêmios e patrocínios, além da escassez de oportunidades para atletas femininas persistem (Goellner, 2005; McLahlan, 2016). Este estudo se propõe a analisar as autorrepresentações das ciclistas que participaram das duas primeiras edições do *Tour de France Femmes*, realizadas em 2022 e 2023. Através das entrevistas concedidas pelas atletas na série *Femmes du Tour*, a pesquisa busca compreender como as próprias ciclistas constroem suas representações, explorando maneiras como expressam suas identidades, desafios, conquistas e expectativas em relação à participação feminina no *Tour de France*, evento que retomou sua versão feminina em 2022, após uma ausência desde 1989.

O cenário do ciclismo feminino tem sido objeto de análise por pesquisadoras como McLahlan (2016) e Ayala et al. (2021). Essas autoras identificam as violências institucionais e as microagressões como catalisadoras das limitações enfrentadas pelo ciclismo profissional feminino. No âmbito institucional, McLahlan (2016) aponta as limitações estabelecidas pela *Union Cyclist Internationale* (UCI) para as competições femininas, onde se destaca a imposição de uma distância máxima por etapa de 160 quilômetros, em contraste com os 260 quilômetros estipulados para as corridas masculinas. Essa disparidade reflete-se na distância total percorrida nos eventos, como evidenciado no *Tour de France*, onde os homens percorrem 3.000 quilômetros, enquanto as mulheres pedalam um total de 900 quilômetros.

A discrepância entre os gêneros também está na disparidade na premiação dos eventos. No *Tour de France*, o ciclista homem vencedor recebe €500.000, enquanto a vencedora do *Tour de France Femmes* recebe apenas €50.000. Entre as microagressões enfrentadas por ciclistas mulheres ou pessoas não-binárias, destacam-se a exclusão das mulheres dos grupos de ciclismo; discursos e atitudes que rotulam as mulheres como ciclistas mais

<sup>6</sup> Mestre em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), andreqwntao@gmail.com



lentas; discursos ou ações que perpetuam a noção de que as mulheres possuem menos conhecimento ou habilidade no ciclismo; discursos de objetificação das mulheres; discursos que reforçam os papéis tradicionais de gênero; e discursos ou ações etaristas (AYALA et al., 2021).

Na abordagem metodológica deste estudo, realizamos a transcrição das entrevistas concedidas pelas ciclistas na série *Femmes du Tour*, uma iniciativa da comunicação do Tour de France Femmes destinada à divulgação do evento. Nas entrevistas, as atletas compartilham suas experiências profissionais, discutem as suas influências profissionais e expressam suas expectativas em relação ao evento. O corpus de análise é composto por 23 entrevistas, divididas em duas temporadas, referentes aos anos de 2022 e 2023.

Para a análise dos dados textuais, utilizamos o software IRaMuTeQ, ferramenta gratuita e de código-fonte aberto que opera no ambiente R e utiliza bibliotecas da linguagem Python. Esse software oferece uma variedade de recursos para análise lexical, incluindo a Classificação pelo Método Reinert e a Análise de Similitude. Na abordagem teórica sobre mídias, representações e gênero, utilizamos os estudos realizados por Collins (2019), Xu e Armstrong (2019), Vimieiro et al. (2020) e Santos et al (2023).

Nossas análises iniciais das 23 entrevistas, conduzidas por meio do IRaMuTeQ, revelaram uma riqueza textual representada por 315 segmentos de texto. No total, identificamos 11.420 ocorrências, com 1.800 formas distintas, das quais 958 aparecem uma única vez. A aplicação do Método Reinert identificou 1.069 formas ativas e 251 formas suplementares, com 309 formas ativas ocorrerem três ou mais vezes. Esse conjunto de dados resultou na identificação de quatro classes ou categorias em nosso corpus. São elas: Expressões pessoais e emoções (13,5%); Competição e conquistas (31,8%); Carreira e identidade no ciclismo (40,9%); e Infância e aprendizado (13,9%).

Dessa forma, a presente pesquisa emerge como uma fonte valiosa para a compreensão das complexidades e desafios enfrentados pelas ciclistas que participam do Tour de France Femmes. A análise minuciosa das autorrepresentações fornecidas por essas atletas ultrapassa as experiências individuais, oferecendo *insights* sobre o cenário do ciclismo de elite feminino. Além disso, destaca-se a manutenção das disparidades estruturais entre competições masculinas e femininas, evidenciadas pelos dados coletados ao longo do trabalho, contribuindo para uma discussão crítica sobre a equidade de gênero em um cenário esportivo que, academicamente, é frequentemente eclipsado pelo futebol. A utilização do IRaMuTeQ para análise textual representa uma inovação ao subcampo dos Estudos do Esporte na Comunicação (EEC), proporcionando uma abordagem robusta e pioneira na compreensão das narrativas das ciclistas.



**PALAVRAS-CHAVE:** ciclismo; autorrepresentação; desigualdade; Tour de France Femmes; mídia esportiva.

## REFERÊNCIAS

AYALA, Erin E; SCHMIDA, Alison Riley; FAULKER, Kathryn P. A. Microaggressions experienced by women and gender diverse athletes in competitive cycling. **Women in Sport and Physical Activity Journal**, Ilinois (EUA), v.29, p.59-67, 2021.

COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo/SP, **Boitempo Editorial**, 2019.

GELLNER, Silvana. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v.8, ed.1, p.85-100, 2005.

MCLAHLAN, Fiona. Gender politics, the Olympic Games, and road cycling: a case for critical History. **The International Journal of the History Sport**, v.33, ed.4, p.469-483, 2016.

Règlement de l'épreuve. **Le Tour Femmes**, França. 2023. Disponível em: <  
<https://www.letourfemmes.fr/fr/enjeux-sportifs>>. Acessado em: 10 de out. 2023

Règlement de l'épreuve. **Le Tour**, França. 2023. Disponível em: <  
<https://www.letour.fr/fr/la-course/enjeux-sportifs>>. Acessado em: 10 de out. 2023

SANTOS, Francielle; NOVAIS, Mariana; VITRAL, Juliana; PIRES, Bárbara; MONTEIRO, Igor; MOURÃO, Ludmila. Interdições às mulheres iranianas nos estádios de futebol: de offside a blue girl. **Revista Foco: Interdisciplinary Studies**, Curitiba/PR, v.16, n.3, ed.1363, p.1-25, 2023.

VIMIEIRO, Ana Carolina; QUEIROZ, Alice; SILVA, André; CARMO, Giovana; QUINTELA, Guilherme, ALVES, Luiz; ANDRADE, Maria Carolina. É mais que preconceito! Dimensão da opressão de gênero no esporte a partir da análise do Podcast das Marias. In: **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2020, Salvador. Anais do Intercom, 2020.

XU, Qingru; ARMSTRONG, Cory. #SELFIES at the 2016 Rio Olympics: comparing self-representations of male and female athletes from the U.S. and China. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, v.63, ed.2, p.322-338, 2019.



## A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NO ESPORTE NA IMPRENSA FEMINISTA DURANTE A SEGUNDA ONDA DO MOVIMENTO NO BRASIL

CAROLINA BORTOLETO FIRMINO<sup>7</sup>

ÉRIKA ALFARO DE ARAÚJO<sup>8</sup>

Universidade Estadual Paulista, Unesp

### RESUMO

A trajetória da luta de mulheres nos mais diversos contextos históricos, culturais, políticos, educacionais e econômicos que reivindicam a equidade entre os gêneros não é um fenômeno recente, uma vez que o advento do feminismo tem raízes no século XVIII. Nesse sentido, tal percurso costuma ser dividido a partir da ideia de “ondas”, que se refere à categorização, para fins didáticos, de períodos históricos em que existiam “reivindicações majoritárias” ou efervescência acentuada de determinadas pautas ou problemáticas, conforme elabora Silva (2019). Assim, embora essa noção seja marcada por disputas<sup>9</sup>, as ondas feministas como movimentações e protestos públicos causaram impacto e alcançaram muitas pessoas.

Logo, a primeira delas, que se refere ao século XIX e início do século XX, é normalmente identificada pela luta por igualdade e pelo sufrágio, mas engloba diversas outras pautas, como a questão das condições de trabalho, o enfrentamento à violência (sempre presente) e à escravidão – o notável discurso de Sojourner Truth, “Não sou eu uma mulher?”, foi feito na Convenção das Mulheres em 1851. Já a segunda onda feminista é marcada por numerosos temas, com os debates que envolvem a condição da mulher na sociedade e que abordam assuntos como sexualidade e direitos reprodutivos.

Por se tratar do período a partir da década de 1950 e 1960, dependendo do país, quando o assunto é o Brasil, “a organização de nosso movimento feminista, bem como de sua progressiva visibilidade, ao lado da emergência de um pensamento feminista entre nós, se deu em pleno regime de exceção política que se seguiu ao golpe militar de 1964” (Hollanda, 2019, p. 10). Dessa forma, a autora identifica que, enquanto as movimentações feministas na Europa e nos Estados Unidos se alimentavam de sonhos de liberdade, no Brasil, a esquerda, espaço em que estão presentes as mulheres militantes, se manifestava numa frente ampla de oposição ao regime ditatorial.

<sup>7</sup> Jornalista e Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da Unesp, campus Bauru – SP, Brasil. E-mail: carolina.bfirmino@gmail.com.

<sup>8</sup> Jornalista e Doutoranda no programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp, campus Bauru – SP, Brasil. Desenvolve pesquisa com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2022/00984-0. E-mail: erika.araujo@unesp.br.

<sup>9</sup> Pensadoras feministas como Shira Tarrant criticam a linguagem das ondas com reflexões no sentido de que tal divisão pode desconsiderar progressos entre os períodos, falhar em reconhecer a história de questões políticas ao redor do mundo (pensando no feminismo como um movimento global) e colocar à margem os problemas de mulheres não-brancas.



Dessa forma, conforme reconhece a autora, trata-se de um contexto complicado, pois, de um lado, há uma forte repressão política e uma conseqüente reação da esquerda (em uma proposta de luta ampla); e, do outro, “a necessidade de conjugar os interesses propriamente feministas com a irrecusável e urgente necessidade do engajamento político em tempos de chumbo” (Hollanda, 2019, p. 11). Viviane Freitas (2018) reitera que foi justamente durante a ditadura militar que as manifestações do feminismo de segunda onda surgiram no Brasil e ampliaram as discussões que tratavam de sexualidade, direitos reprodutivos, mercado de trabalho e violência doméstica. Entretanto, não sem o olhar inquisidor sobre o que fugisse da busca pela redemocratização do país.

Os objetos dessa pesquisa surgiram nesse cenário: são os jornais Brasil Mulher (1975-1979), considerado o primeiro jornal feminista do país, o Nós Mulheres (1976-1978) e o Mulherio (1981-1989). A partir deles, pretendemos entender de que forma as mulheres inseridas no contexto do esporte, sejam elas torcedoras, atletas, jornalistas e outras, foram representadas e caracterizadas nesses espaços em que, segundo Leite (2003, p. 234), há um “compromisso com uma nova linguagem, e com a difusão de reivindicações e propostas diretamente relacionadas com a condição das mulheres”. Aqui, partimos de dois pressupostos: primeiro, de que o esporte se desenvolveu enquanto um campo de dominação masculina e, conforme apontam Mühlen e Goellner (2012), como qualquer outra prática cultural, é generificado e generificador; e, segundo, de que o papel do movimento feminista no reconhecimento da desigualdade de gênero nas relações de poder que sujeitam as figuras femininas à dominação masculina é notável, bem como a atuação do feminismo no enfrentamento e na desconstrução das criações inteiramente sociais das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres (Scott, 2019).

Para identificar a presença da temática esportiva, realizamos uma pesquisa nos três dos jornais – Brasil Mulher (edições 1 a 15), Nós Mulheres (edições 1 a 8) e Mulherio (edições 0 a 39) – nos acervos digitalizados e disponibilizados pela Fundação Perseu Abramo, Fundação Carlos Chagas e Biblioteca Nacional. Depois de uma leitura flutuante e da busca pelas palavras-chave “esporte”, “football”, “futebol”, “atleta” e “prática esportiva”, chegamos a 14 publicações. Por meio dos procedimentos metodológicos da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), realizamos inferências críticas e interpretações. Esperamos que este trabalho contribua para a compreensão a respeito das relações entre a pauta esportiva, a representação feminina no esporte, o movimento feminista brasileiro e a imprensa feminista. Nesta leitura prévia, identificamos que os jornais apresentaram ao seu público um posicionamento a favor de mulheres atuando no campo esportivo. Houve ainda uma forte marcação de classe e raça das personagens representadas, uso de ironia e adjetivação, assim como a constante menção a opiniões e escolhas dessas mulheres.



**PALAVRAS-CHAVE:** feminismo brasileiro; segunda onda feminista; jornalismo feminista; esporte; esporte feminino.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

FREITAS, Viviane Gonçalves. **Feminismos na imprensa alternativa brasileira: quatro décadas de lutas por direitos**. Jundiaí: Paco, 2018.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. Introdução. In. HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. In. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11 n. 1, p. 234-241, jan-jun/2003.

MÜHLEN, Johanna Coelho Von e GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. In. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 165-184, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In. HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SILVA, Jacilene Maria. **Feminismo na atualidade: A formação da quarta onda**. Recife: Independently published, 2019.



**A DIVA POP NO FUTEBOL AMERICANO:**  
Relações performáticas entre gênero, esporte e música no Super Bowl

EDUARDO RODRIGUES<sup>10</sup>  
PALOMA DE CASTRO<sup>11</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**RESUMO EXPANDIDO**

O *Super Bowl*, realizado desde 1967, consiste no jogo final que decide o time vencedor do campeonato de futebol americano da *National Football League* (NFL) e é considerado um dos maiores eventos esportivos do mundo, agenciando entretenimento, publicidade, cultura e espetáculo. Apesar do esporte ainda ser o atributo principal, o *Halftime Show* também veio se consolidando ao longo do tempo como marca registrada do evento: trata-se de uma grande (e antecipada) performance musical que acontece durante o intervalo da partida.

Percebendo a chance de entrelaçar estudos midiáticos sobre esporte e música, enxergamos o *Super Bowl* como um megaespetáculo à luz de Douglas Kellner (2004). Ao revisitar o conceito de “Sociedade do Espetáculo” de Guy Debord, o autor define que fenômenos extravagantes da cultura da mídia “representam os valores básicos da sociedade contemporânea, determinam o comportamento dos indivíduos e dramatizam suas controvérsias e lutas, tanto quanto seus modelos para a solução de conflitos” (Kellner, 2004, p. 5). Enquanto Debord apresenta o triunfo quase inquestionável do espetáculo no capitalismo, Kellner (2004) se propõe a fazer uma crítica diagnóstica e menos monolítica que usa do espetáculo para interpretar a realidade, estando aberto, inclusive, a analisar suas contradições.

Eventos esportivos funcionam como verdadeiros rituais culturais que celebram e promovem os valores mais intrínsecos da sociedade como vitória, competição, honra etc. No *Super Bowl*, tais valores são potencializados pela lógica do espetáculo, que transformam não só o jogo, mas o evento em si em uma ocasião superlativa. É graças a um intenso processo de midiatização simbiótica entre esporte e mídia (Frandsen, 2014) que a cerimônia penetra na vida cotidiana e se transforma em uma das maiores expressões nacionais dos Estados Unidos, misturando consumo, patriotismo e entretenimento.

A inserção estratégica de shows musicais também corrobora para esse processo de espetacularização e desde 2011 nota-se uma predileção pela escolha de artistas vinculados à música pop. Não obstante, o *Halftime*

<sup>10</sup> Doutorando em Comunicação, UFPE, [dudzardo@gmail.com](mailto:dudzardo@gmail.com).

<sup>11</sup> Doutoranda em Comunicação, UFPE, bolsista CAPES, [paloma.castro@ufpe.br](mailto:paloma.castro@ufpe.br).



*Show* costuma ser o pico de audiência do *Super Bowl* e é curioso notar que das dez apresentações mais assistidas até então, as artistas femininas (vulgo divas pop) encabeçam mais da metade delas, inclusive dominando as três primeiras posições que são ocupadas, em ordem, pelas cantoras Rihanna, Katy Perry e Lady Gaga<sup>12</sup>.

Assim, compreendemos o *Super Bowl* como um espaço ambivalente, no qual o esporte ainda é direcionado a uma masculinidade hegemônica que reconhece e incentiva a virilidade (Mckay; Messner; Sabo, 2000), ressaltando demarcadores de identidade, conforme argumenta Guacira Louro (2013), entre os que são a norma (homem branco e heterossexual) e os que estariam fora dela. Já a música pop sugere um modo de habitar no mundo através do feminino e das acepções desviantes de gênero (Soares, 2021). Então, se por um lado o futebol americano evoca valores masculinos ligados a heteronormatividade e a brutalidade (Casadel; Storel, 2023), a presença da diva pop via o canto, a dança e os elementos cenográficos sugerem um outro olhar:

Essa presença nos traz outras disposições de corporalidade que podem se distanciar ou até se aproximar da agressividade latente do futebol americano, mas usando agenciamentos de outra ordem performática [...]. Na narrativa do evento, os choques entre os corpos dos jogadores ganham outra dimensão na hora do intervalo: são substituídos pelo choque da presença de um corpo que a priori não pertenceria àquele espaço, mas reivindica participar do show (Mateus, 2016, p. 2).

Com esta pesquisa, pretendemos investigar divas pop no *Halftime Show*, se atendo a episódios específicos em que elas se utilizam de valores do futebol americano. Partimos das seguintes perguntas: como a diva pop no *Super Bowl* (re)apropria os elementos esportivos e, a priori, masculinos, na sua corporeidade e performance? Que assimetrias e cruzamentos podem ser percebidos? Para tanto, atuamos em duas frentes de investigação fundamentadas nos estudos feministas e de performance: 1) análise dos materiais promocionais/publicitários de Beyoncé e Rihanna quando foram anunciadas como *headliners* dos seus respectivos shows em 2013 e 2023; e 2) análise das apresentações de Madonna e Lady Gaga, respectivamente em 2012 e 2017.

O comportamento masculino nos esportes, fomentado pela cultura do consumo, também passa por uma reprodução de marcadores entendidos como indispensáveis para pertencer aos seus devidos ambientes. Por isso, refletimos sobre as relações performáticas construídas por meio de feminilidades e masculinidades que estão em disputa nesses espaços, a partir das aparições midiáticas das divas pop. Acreditamos que o caráter espetacular do *Super Bowl* evidencia não só as intenções mercadológicas do evento, mas também as possíveis brechas sociais que surgem na coalisão de elementos culturais.

<sup>12</sup> Em 2023 o *Halftime Show* de Rihanna obteve 121.017 milhões de espectadores. Em 2015 o show comandado por Katy Perry conseguiu cerca de 121 milhões e em 2017 Lady Gaga atingiu a marca de 117.5 milhões (ANIFTOS, 2023).



**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol americano; Gênero; Música pop; *Super Bowl*.

## REFERÊNCIAS

- ANIFTOS, Rania. **Here Are the Top 10 Most-Watched Super Bowl Halftime Shows**. BILLBOARD. 2023. Disponível em: <https://www.billboard.com/lists/most-watched-super-bowl-halftime-shows/>. Acesso em: 19 de out. 2023.
- CASADEI, Eliza Bachega; STOREL, Thalita. Negociações de sentido sobre os imperativos da masculinidade hegemônica na NFL: discursos da virilidade no consumo midiático do esporte. **FuLiA/UFMG [revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes]**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 162–183, 2022. DOI: 10.35699/2526-4494.2022.36245. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/36245>. Acesso em: 20 de out. 2023.
- FRANSEN, Kirsten. Mediatization of sports. In: LUNDY, Knut. (Ed.). **Mediatization of Communication**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2014. p. 525-543.
- KELLNER, Douglas. Tradução: Rosemary Duarte. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. In: **LÍBERO**, ano VI, Vol. 6, nº 11, p. 4-15, 2004. Disponível em: <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/35932881-a-cultura-da-midia-e-o-triunfo-do-espetaculo.pdf>. Acesso em: 18 de out. 2023.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 7-34.
- MATEUS, Suzana Maria de Sousa. *Okay, ladies, now let's get in formation*: o dia em que Beyoncé pautou questões raciais no Super Bowl 50. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2016, Caruaru. **Anais eletrônicos [...]**. Caruaru: Intercom, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1469-1.pdf>. Acesso em: 18 de out. 2023.
- MCKAY, Jim; MESSNER, Michael A.; SABO, Donald. Introduction. In: MCKAY, Jim; MESSNER, Michael A.; SABO, Donald (Ed.). **Masculinities, gender relations, and sport**. Thousand Oaks: Sage, 2000.
- SOARES, Thiago. Divas Pop: O Corpo-Som das Cantoras na Cultura Midiática. In: LINS; Mariana; MANGABEIRA; Alan; SOARES, Thiago (org.). **Divas Pop: o corpo-som das cantoras na cultura midiática**. Belo Horizonte: Selo UFMG, 2021, p. 25-42. Disponível em: <https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/wp-content/uploads/2021/03/Divas-Pop-SeloPPGCOM-UFMG.pdf>. Acesso em: 20 de out. 2023.



## O FUTEBOL DE MULHERES NA CHINA:

Do *Cuju* à experiência da Faculdade Internacional de Futebol, da Universidade Tongji

EMANUEL LEITE JUNIOR

Pesquisador Associado, Faculdade Internacional de Futebol, Universidade Tongji (China)

### RESUMO EXPANDIDO

Desde os tempos da China Antiga, ao contrário de outros lugares no mundo que proibiram o futebol de mulheres, como o Brasil e o Reino Unido (Wrack, 2022, p. 47), não há registros históricos de impedimento do futebol de mulheres. Isso porque, embora o futebol moderno tenha sido codificado na Inglaterra em 1863, como uma evolução do chamado *folk football* (Giulianotti; Robertson, 2009, p. 6; Guttmann, 1994, p. 41; Walvin, 1986, p. 1), é da China Antiga o jogo de chutar bola reconhecido oficialmente pela FIFA, em 2004, como a origem histórica do futebol: o *Cuju* (蹴鞠) (Simons, 2008, p. 46). *Cuju* significa literalmente “chutando bola” e remonta à Dinastia Han (206 AC – 220 DC). O registro mais antigo do *cuju* se encontra no livro *Estratagemas dos Reinos Combatentes*, Volume Qi, onde se lê: “As pessoas de Linzi são muito ricas e estão todas jogando... futebol” (Yan; Li, 2019, p. 16). O *cuju* era popular entre os imperadores Han, as elites e o povo (Chunjiang, 2008, p. 32), também foi muito popular na Dinastia Song (960-1279) (Simons, 2008, p. 48). Não se sabe quando deixou de ser jogado. Acredita-se que tenha sido durante a Dinastia Qing, depois que os Manchus ocuparam a China (Chunjiang, 2008, p. 37). E o *cuju* também era jogado por mulheres (Collins, 2019, p. 11). Pinturas e o poema Gong Ci, de Wang Jian, descrevem meninas e mulheres jogando *cuju* (FIFA Museum, [s.d.]).

A expansão global do futebol moderno refletiu a influência do Império Britânico (Giulianotti; Robertson, 2009; Markovits; Rensmann, 2010). Foi assim que o futebol sob as regras da *Football Association* (FA) chegou à China, através de Hong Kong, então sob ocupação colonial britânica depois da Guerra do Ópio (1839-1842) e de lá alcançou Shanghai, Beijing e outras cidades, ainda no Século 19 (Hong; Mangan, 2003; Jinxia; Mangan, 2001). A Associação de Futebol Chinesa (CFA) foi fundada em 1924 (Leite Junior; Rodrigues, 2024, p. 111) e no mesmo ano há registros de futebol de mulheres no Instituto de Educação Física Feminina de Liangjiang, em Shanghai (Hong; Mangan, 2003, p. 48). A prática do futebol no país foi interrompida após a invasão japonesa em 1937. Após a expulsão dos japoneses, em 1945, veio a guerra civil que culminou com a proclamação da República Popular da China (RPC) pelos Comunistas. Devido a este período de instabilidade, acredita-se que isto dificultou



que o futebol estabelecesse raízes no país (Jinxia; Mangan, 2001; Simons, 2008, p. 159).

Na RPC, o futebol foi considerado um dos esportes que simbolizaria a Nova China (Leite Junior; Rodrigues, 2024, p. 111). A educação física se tornou compulsória nas escolas e profissionais de educação física organizavam jogos de futebol entre meninos e meninas na província de Guandong (Hong; Mangan, 2003, pp. 48, 49). O futebol voltaria a deixar de ser praticado com regularidade durante a Revolução Cultural, que interrompeu a prática de todos os esportes de alto rendimento, só voltando ao fim deste período, em 1976 (Leite Junior; Rodrigues, 2024, p. 112). No fim dos anos 1970 o futebol de mulheres ressurgiu. Zhao et al. denominam o período entre o fim dos anos 1970 e o começo dos anos 1990 como “germinação” do futebol de mulheres na China (Zhao; Horton; Liu, 2012, p. 2374). Nesta fase que, com o apoio de organismos governamentais, o futebol de mulheres se expande constantemente. Em 1982, o Ministério do Esporte organizou o Primeiro Campeonato Nacional de Futebol de Mulheres, com 10 times (Jinxia; Mangan, 2001, p. 51), chegando a 35 times em 1985 (Zhao; Horton; Liu, 2012, p. 2375). Concomitantemente, organizaram-se competições amistosas com equipes estrangeiras desde 1983, que culminou com a FIFA escolhendo a China para sediar o Torneio Internacional de Futebol de Mulheres em 1988 e a primeira Copa do Mundo FIFA, em 1991 (Jinxia; Mangan, 2001, p. 51; Zhao; Horton; Liu, 2012, p. 2375).

Zhao et al. consideram o período de meados dos anos 1990 até o fim daquela década como a fase de “prosperidade” (Zhao; Horton; Liu, 2012, p. 2375). Em 1995 a seleção nacional chegou às semifinais da Copa do Mundo, no ano seguinte ficou com a medalha de prata dos Jogos Olímpicos, ganhando o apelido de “Rosas de Aço” (Zhao; Horton; Liu, 2012, p. 2376), e em 1999 foi vice-campeã do mundo. As chinesas venceram as cinco edições da Copa Asiática nos anos 1990, consolidando a supremacia continental (sete títulos no total). A nível interno, a CFA estabelece em 1997 a Primeira Liga Chinesa de Futebol de Mulheres, que contava com 10 clubes profissionais (Zhao; Horton; Liu, 2012, p. 2376).

A terceira fase seria a do “murchamento”, que se iniciou em 2000 e se prolongaria até o momento em que o trabalho foi publicado, em 2012 (Zhao; Horton; Liu, p. 2376). Trata-se de um período em que o rendimento em competições internacionais caiu significativamente. Contudo, ao nosso entender, é possível vislumbrar uma quarta fase do futebol de mulheres na China, que tem como marco a conquista da nona Copa da Ásia em 2022. Título que apresenta os primeiros resultados do “Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo da China (2016-2050)” (中国足球中长期发展规划 2016—2050年), de 2016. Seria a fase do “ressurgimento”. Evidenciado pelo lançamento do “Plano de Reforma e Desenvolvimento do Futebol de Mulheres Chinês (2022-2035)” (中国女



子足球改革发展方案 2022-2035年), em 2022. Documento elaborado pela Administração Geral de Esportes, apresentado em conjunto pelos Ministérios da Educação e das Finanças e a CFA, que se concentrou em sete áreas, incluindo um sistema de gestão qualificado, uma seleção nacional muito melhorada, um sistema de treinamento e competição juvenil, e um futebol feminino popularizado no país. O Plano do Futebol de Mulheres também coloca como meta fortalecer o sistema de campeonatos nacionais, ampliando de 48 para 50 clubes nas três principais ligas até 2025, sediar a Copa do Mundo na próxima década e consolidar a seleção nacional entre as melhores do mundo até 2035 (Administração Geral do Esporte da China, 2022).

#### A ESCOLA INTERNACIONAL DE FUTEBOL DA UNIVERSIDADE TONGJI

Estimulada pelo Plano de Desenvolvimento do Futebol publicado em 2016, a Universidade Tongji, em Shanghai, inaugurou a primeira Faculdade Internacional de Futebol da China em 21 de junho de 2017. O objetivo desta iniciativa foi de colaborar com a implementação do Plano do Futebol, buscando formar jovens com capacitações para trabalhar na indústria futebolística, mas também estimulando a prática do futebol. A Faculdade Internacional de Futebol da Universidade Tongji tem cerca de 200 alunos e alunas na graduação e mestrado, sendo metade mulheres. Boa parte do corpo discente pratica futebol, seja disputando torneios universitários de futebol de 11 e futsal, seja jogando nas divisões inferiores do futebol chinês. O time de homens, o Universidade Tongji Futebol Clube, disputa a quarta divisão nacional, enquanto o time de mulheres, formado em 2019 através de uma parceria com o Shanghai Port, um dos principais clubes do país, disputa a terceira divisão nacional.

#### METODOLOGIA E OBJETIVOS

O presente trabalho objetiva traçar um panorama histórico e contemporâneo do futebol de mulheres, trazendo como estudo de caso o exemplo da Faculdade Internacional de Futebol, da Universidade Tongji. Para isso, tem como principais fontes a revisão bibliográfica e a análise de documentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Cuju*; Futebol de mulheres; China; Faculdade Internacional de Futebol.

#### REFERÊNCIAS

ADMINISTRAÇÃO GERAL DO ESPORTE DA CHINA. 中国女子足球改革发展方案 2022-2035年. Beijing. Disponível em: <https://baijiahao.baidu.com/s?id=1747649042235476964&wfr=spider&for=pc>.

CHUNJIANG, Fu. **Origins of Chinese Sports**. 1. ed. Singapura: Asiapac Books, 2008.

COLLINS, Tony. **How football began: a global history of how the world's football codes were born**.



Abingdon/New York: Routledge, 2019.

CURRY, Graham; DUNNING, Eric. **Association Football: a study in figurational sociology**. London/New York: Routledge, 2015.

FIFA MUSEUM. **Origins - Cuju in China**. [s.d.]. Disponível em:  
<https://www.fifamuseum.com/en/blog-stories/editorial/origins-cuju-in-china/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. **Globalization & Football**. 1. ed. London: SAGE Publications, 2009.

GUTTMANN, Allen. **Sports Spectators**. New York: Columbia University Press, 1986.

GUTTMANN, Allen. **Games and empires: modern sports and cultural imperialism**. New York: Columbia University Press, 1994.

HONG, Fan; MANGAN, J. A. Will the “Iron Roses” Bloom Forever? Women’s Football in China: Changes and Challenges. **Soccer & Society**, [S. l.], v. 4, n. 2/3, p. 47–66, 2003. DOI: 10.1080/14660970512331390825. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=sph&AN=11406879&site=ehost-live>.

JINXIA, D.; MANGAN, J. A. Football in the new China: political statement, entrepreneurial enticement and patriotic passion. **Soccer & Society**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 79–100, 2001. DOI: 10.1080/714004853.

LEITE JUNIOR, Emanuel; RODRIGUES, Carlos. **China, Football and Development: Socialism and Soft Power**. 1. ed. Abingdon/New York: Routledge, 2024.

MARKOVITS, Andrei S.; RENSMANN, Lars. **Gaming the World: how sports are reshaping global politics and culture**. Princeton: Princeton University Press, 2010.

SIMONS, Rowan. **Traves de bambu: como a China aprendeu a amar o futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

WALVIN, James. **Football and the Decline of Britain**. London: Palgrave Macmillan, 1986.

WRACK, Suzane. **A Woman’s Game: the rise, fall and rise again of women’s football**. 1. ed. London: Guardian Faber, 2022.

YAN, Jie; LI, Yu Ying. Comparative Study of Chinese Cuju and Western Football Sport: from the Perspective of Cultural Differences between the East and the West. **Cross-Cultural Communication**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 16–20, 2019. DOI: 10.3968/11286.

ZHAO, Aihua; HORTON, Peter; LIU, Liu. Women’s Football in the People’s Republic of China: Retrospect and Prospect. **The International Journal of the History of Sport**, [S. l.], v. 29, n. 17, p. 2372–2387, 2012. DOI: 10.1080/09523367.2012.748954.



## MULHERES TRANS E A VULNERABILIDADE PARA PARTICIPAÇÃO EM COMPETIÇÕES ESPORTIVAS

Fernanda do Nascimento Grangeão<sup>13</sup>  
UFPE

### RESUMO EXPANDIDO

A questão da participação das mulheres transgênero ou mulheres trans nos esportes é complexa e gera debates significativos, principalmente em momentos em que o calendário esportivo é marcado por jogos olímpicos e copas do mundo. Existem diferentes perspectivas sobre o assunto e as opiniões podem variar, de acordo com questões sociais, culturais e morais.

Nesse sentido é que surge o interesse em contextualizar o referido tema e ao mesmo tempo a possibilidade de abordar a problemática diante da ausência de mulheres trans em competições esportivas e a vulnerabilidade das mulheres trans na participação dessas competições.

O direito à igualdade, na qual a sua busca remonta à Revolução Francesa e seus ideais de igualdade, liberdade e fraternidade, replicados em convenções e dispositivos constitucionais, na realidade, o que existe e está configurado no mundo real é uma igualdade formal caracterizada pela generalidade e abstração em que “todos são iguais perante a lei” (PIOVESAN, 2008). Nesse sentido, sobretudo para as mulheres trans, identifica-se uma total ausência do direito à igualdade entre os desiguais, na dificuldade de implementação desse direito. A igualdade de forma material, concreta, é inexistente e ao mesmo tempo precária para essa população.

Assim, tem-se como objetivo geral identificar quais são os fatores de vulnerabilidade e que impedem a participação de mulheres trans nos esportes e nas competições esportivas.

Como objetivos específicos buscaremos analisar a polaridade das opiniões que bloqueiam essa participação, uma vez que, as identidades das mulheres trans acarretam, muitas vezes, a transformação e a transgressão dos seus corpos e suas representações. A problematização em torno da existência desses corpos gravita na negação, inclusive, das feministas radicais em não considerarem as mulheres trans como mulheres diante da inexistência da genitália feminina, como se uma “vagina” definisse a existência e a identificação de uma mulher (BAGAGLI, 2021).

---

<sup>13</sup> Mestra em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Pernambuco. Especialista em Direito Processual Civil pela Universidade Católica de Pernambuco. Especialista em Direito de Família e Sucessões pela Universidade Federal de Pernambuco. Especialista em Direito Homoafetivo e de Gênero pela UNISANTA. Advogada e Presidente da Comissão de Diversidade Sexual e de Gênero da OAB/PE subseccional Jaboatão dos Guararapes. UFPE. E-mail: fernandagrangoadv@gmail.com.



Além disso, temos como objetivos específicos iremos verificar o que os órgãos e comitês organizadores esportivos fundamentam sobre a participação de mulheres trans em competições esportivas e por fim, relacionar quais são as categorias e as competidoras brasileiras que enfrentam essa luta para a participação e reconhecimento.

A metodologia que será utilizada para elaboração do artigo será a revisão bibliográfica de artigos e livros, bem como, a análise de dados e estatísticas extraídas de associações voltadas especificamente para mulheres trans, como a ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais.

A oportunidade em apresentar um estudo sobre a participação de mulheres trans em competições esportivas, possibilita uma abertura para o que está acontecendo atualmente na sociedade e, ao mesmo tempo, a preocupação em respeito a esses corpos extremamente vulnerabilizados. Ainda, a importância em tornar transparente o respeito para que as mulheres trans possam estar presentes nas escolas e universidades, em empresas privadas, em cargos no setor público, no cinema, nas artes e especificamente nos esportes, enfim, em todos os espaços sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres Trans; Vulnerabilidade; Competições; Esportivas.

## REFERÊNCIAS

ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021** / Bruna G. Benevides (Org). – Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2022.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. **Abordando estereótipos de gênero e cisgeneridade:** entre a subversão e resistência nos discursos transfeministas e feministas radiciais trans-excludentes. *Leitura*, Maceió, v. 1, n. 69, p. 55-68, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/9689/8659>. Acesso em: 21 out. 2022.

PIOVESAN, Flávia. Ações afirmativas no Brasil: desafios e perspectivas. *In:* MATOS, Ana Carla Harmatiuk (org.). **A construção dos novos direitos**. Porto Alegre: Núria Fabris, 2008.



**COLIGAY E A REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL E ESPACIAL NO FUTEBOL: A construção de  
identidade na geografia por uma torcida LGBTQIAPN+**

FERNANDA CAMILE HENTGES<sup>14</sup>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

**RESUMO**

O futebol é um espaço que historicamente colabora para a construção da identidade de masculinidade cis heteronormativa dos homens, em que não raro, perpetua a violência de gênero através de comportamentos misóginos e homofóbicos (Bandeira e Seffner, 2017). Contudo, é perante o contexto histórico de repressão gerado pela Ditadura Militar que a Coligay surge, uma torcida formada por torcedores homossexuais do Grêmio Football Porto Alegre, considerada pioneira na luta pela representatividade e diversidade LGBTQIAPN+<sup>2</sup><sup>15</sup> nos estádios. Assim, sendo atuante entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, se destacando principalmente por sua fundação ocorrer em um período em que a discussão de gênero no esporte era basicamente inexistente, tratando-se de um espaço marcado fortemente pelo preconceito (Anjos, 2021).

A partir do conceito fundamentado pelo geógrafo Fernando Campos (2006), o futebol é estudado para além de uma prática esportiva, mas também como um importante elemento sociocultural e espacial que contribui para a construção da identidade dos indivíduos. Para tal propósito, igualmente é utilizado de alicerce teórico, as noções de identidade e a forma simbólica da dimensão espacial do futebol referidas por Gilmar Mascarenhas (2005). Portanto, a questão norteadora para o problema de pesquisa deste trabalho, visa relacionar a torcida gremista com as compreensões existentes na área da geografia sobre as temáticas mencionadas anteriormente, deste modo, sendo formulada a seguinte indagação: Qual a influência da torcida Coligay na construção de identidade LGBTQIAPN+ para a representação sociocultural e espacial no futebol em um aspecto geográfico? Por conseguinte, o objetivo geral do trabalho consiste em compreender o processo de formação de identidade e sua representação sociocultural no futebol para a geografia a partir da torcida Coligay.

Para o presente trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica de revisão com método qualitativo, visando analisar o Estado da Arte relacionado à temática. Os critérios para a seleção dos artigos e teses foram

<sup>14</sup> Graduanda de Geografia Licenciatura, Unioeste, academica.fernandahentges@gmail.com.

<sup>15</sup> Sigla que abrange pessoas que se identificam como: Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.



definidos pelos que se encontravam completos, em português, na íntegra e pela sua relevância na área. Os artigos preteridos estavam com textos incompletos, acesso indisponível e/ou não apresentavam a temática de enfoque da pesquisa.

A base de dados utilizada na pesquisa foi: Google Acadêmico e Periódicos Capes. Os descritores utilizados para a seleção foram: coligay; representação espacial do futebol e identidade na geografia. No banco de dados Periódicos Capes, a busca resultou em 07 artigos, nos quais foram excluídos os que não estavam em português e/ou apareceram mais de uma vez. No Google Acadêmico, a procura trouxe 224 resultados para o descritor “coligay”, sendo selecionados apenas os mais relevantes levando em consideração o número de citações. Para o descritor “representação espacial do futebol e identidade na geografia” apresentou-se aproximadamente 24100 resultados, nos quais, foram selecionados apenas os artigos dos geógrafos Fernando Campos e Gilmar Mascarenhas que condizem com o tema da pesquisa, os autores foram escolhidos devido a importância na área dos estudos acerca do futebol para com a geografia. No total, 08 artigos e 01 tese foram selecionados para a análise e discussão.

Os principais apontamentos acerca da Coligay resultaram através da análise da tese realizada por Luiza Aguiar dos Anjos (2018) e ao artigo desenvolvido em co-autoria com Gustavo Bandeira (2022), no qual, é retratado a relevância da torcida por sua visibilidade para os movimentos LGBTQIAPN+ no âmbito esportivo desde seu período de origem até a atualidade. Destarte, destacando o impacto positivo para a preservação da memória dos torcedores, gerado a partir do ressurgimento às esferas populares pela publicação do livro “Coligay: tricolor e de todas as cores” pelo jornalista Léo Gerchmann em 2014. Em que, traz em sua obra, como a atuação dessa torcida serviu como um movimento de transformação social e dos costumes que caracterizam a identidade da sociedade que os cerca, principalmente, por sua contraposição a opressão gerada pela Ditadura Militar. Para complementar, foi realizada a análise dos artigos de Bandeira e Seffner (2019) acerca da temática. Na qual, vem a contribuir para retratar o currículo de masculinidade a partir dos estudos das memórias da Coligay, portanto, apurando como se dá a construção da identidade dos sujeitos e quais os diálogos entre grupos que divergem em suas práticas de torcer.

Em conclusão, evidencia-se através da análise dos trabalhos, a influência da Coligay no processo de construção de identidade para os estudos que retratam o espaço de representação do futebol para com a geografia social e cultural (Campos, 2008). Dessarte, possui relevância acadêmica por se tratar de um assunto ainda pouco discutido e explorado.



**PALAVRAS-CHAVE:** coligay; futebol; identidade; representação sociocultural.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”:** uma história da torcida Coligay. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano) - Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil, 2018.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. Tribuna 77 e a defesa de LGBTQI+ nos estádios. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, 2021.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; DOS ANJOS, Luiza Aguiar. A Coligay dentro da pedagogia do torcer: Coligay within pedagogy of cheering. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 28, n. 1, p. 8-29, 2022.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Memórias da Coligay e o currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. **Diversidade e Educação**, v. 7, n. 2, p. 310-326, 2019.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. O que pensam os torcedores do Grêmio sobre a experiência da torcida Coligay. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 11, 2017.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. Futebol e Geografia: possibilidade de apreensão através do conceito de espaço de representação do futebol. **Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos Em Espaço e Representações**, 2006.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. Geografia e Futebol? Espaço de representação do futebol e rede sócio-espacial do futebol. **Terr@ Plural**, v. 2, n. 2, p. 249-265, 2008.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. O espaço de representação do futebol: uma apreensão do futebol como um elemento sociocultural e espacial. **RAEGA-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 11, 2006

MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e cultura**, n. 19-20, p. 61-70, 2005.



## DAS QUADRAS ÀS RUAS: O esporte como palco da revolução antirracista

Como as atletas de Estados Unidos e Brasil se mobilizaram diante do levante mundial contra o racismo de 2020

Gianluca Florenzano<sup>16</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

### RESUMO

No dia 25 de maio de 2020 os Estados Unidos entraram em ebulição. Manifestantes, negros e brancos, homens, mulheres e crianças tomaram conta das cidades. O planeta, que naquele momento encontrava-se paralisado por conta da pandemia da COVID-19, via multidões saírem de suas casas, marcharem pelas ruas do país, enfrentando de peito aberto o risco de contágio do vírus. O motivo da revolta: o assassinato brutal de um homem afro-estadunidense pelas mãos do aparato repressivo do Estado. O que deveria ser, na visão das autoridades, um simples caso de mais um negro morto pela polícia, para muitos ativistas significava o sinal de basta da violência racial. Com efeito, o corpo sem vida de George Floyd estendido no meio da rua e em plena luz do dia tornava-se o símbolo de uma revolução. A partir daí um levante antirracista emergia pelo globo.

O esporte, uma das principais e mais poderosas ferramentas de mobilização social, não poderia ficar de fora desta batalha que acompanha e se confunde com a história da luta antirracista nos Estados Unidos. Com as ruas clamando pelo fim da discriminação racial, os atletas, ao menos aqueles ligados ao campo progressista, passaram a se manifestar de forma contundente. As mulheres, nesse movimento de atletas contra o racismo que surgia no horizonte histórico, tiveram voz ativa. Longe de se restringirem a publicações nas redes sociais ou falas protocolares nos veículos de comunicação, muitas jogadoras foram, de fato, à luta, ou seja, marcharam lado a lado com as multidões, criaram e promoveram iniciativas de combate ao preconceito e à discriminação racial que impactaram torcedores, dirigentes e jornalistas, o ramo da publicidade e até mesmo o resultado das eleições dos Estados Unidos de 2020. As ações de atletas (homens e mulheres) estadunidenses inspiraram outros esportistas, das mais diversas modalidades e nacionalidades, a seguirem seus passos. Mais do que nunca, nas quadras e arenas ao redor do mundo, incluindo o Brasil, a bandeira antirracista era levantada dentro do esporte.

Dessa maneira, a pesquisa, cuja unidade de tempo encontra-se delimitada, de um lado, pelo dia da morte de George Floyd (25 de maio de 2020), e, de outro lado, pelo dia do julgamento do policial responsável pela sua morte, Derek Chauvin, (20 de abril de 2021), tem como objetivo reconstituir, a partir dos dados coletados nos

<sup>16</sup> Mestre em Ciências Sociais; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); gianlucaflorenzano96@gmail.com.



jornais *The New York Times*, *Folha de S. Paulo* e no site especializado em notícias de esportes, *Globo Esporte (Ge)*, o contexto político-social dos Estados Unidos e do Brasil, analisando as iniciativas e mobilizações antirracistas promovidas pelas atletas em diversas modalidades do campo esportivo nos dois países.

Trata-se, com base nesse exercício comparativo, de avaliar o raio de propagação da luta antirracista a partir do caso George Floyd, desvelando a importância chave do esporte como palco privilegiado para a veiculação de gestos e palavras, isto é, as mensagens do movimento Black Lives Matter, cujo alcance extravasa os limites das fronteiras nacionais. Em contrapartida, conforme pretendemos argumentar, os contextos históricos, sociais e esportivos dos Estados Unidos e do Brasil permitem explicar as diferenças entre os movimentos antirracistas nos dois países em termos de mobilização, difusão e impacto nas respectivas sociedades, focalizando o papel das atletas em diversas modalidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** feminismo; esporte; atletas; racismo; política;

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Editora Feminismos Plurais, 2019.

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2022.

CHAIA, Vera; COELHO, Cláudio; CARVALHO, Rodrigo de. Política e Mídia: estudo sobre a democracia e os meios de comunicação no Brasil. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2015.

HARTMANN, Douglas. Race, culture, and the revolt of the black athlete: the 1968 olympic protests and their aftermath. Chicago, Estados Unidos: Editora The University of Chicago Press and London, 2003.

KEYSSAR, Alexander. O direito de voto: a controversa história da democracia nos Estados Unidos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi. O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

RIBEIRO, Djamilia. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

TAYLOR, keeanga-Yamahtta. #Vidas negras importam e libertação negra. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

WIEVIORKA, Michel. O racismo, uma introdução. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.



### MAIS DE TRINTA ANOS DEPOIS:

Hipóteses do jornalismo esportivo para a saída de Cuca do Corinthians

GUSTAVO ANDRADA BANDEIRA<sup>17</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

#### RESUMO EXPANDIDO

Alexi Stival, conhecido pelo apelido de “Cuca”, foi um jogador de futebol de razoável prestígio no futebol brasileiro entre as décadas de 1980 e 1990. Ele jogou em clubes tradicionais e chegou a ser convocado para um amistoso da seleção brasileira de futebol masculino. Em 1989, o jogador foi condenado em Berna, na Suíça, por atentado ao pudor com uso de violência por um episódio ocorrido em 1987 envolvendo uma menina de 13 anos, durante uma excursão do Grêmio, clube em que jogava naquele período, pela Europa. Cuca foi condenado a 15 meses de prisão por violência sexual contra pessoa vulnerável. O ex-jogador nunca cumpriu sua pena e conseguiu continuar com sua carreira sem maiores limitações. Depois da condenação, Cuca seguiu no Grêmio, onde marcou o gol do título gaúcha da primeira edição da Copa do Brasil, e jogou, ainda, no Valladolid, da Espanha, Internacional, Palmeiras e Santos, entre outros. Como treinador, Cuca possui uma carreira ainda mais exitosa. Ele ganhou dois campeonatos brasileiros, um pelo Palmeiras e outro pelo Atlético Mineiro. No Galo, Cuca ainda foi campeão da Copa do Brasil e da inédita Libertadores da América. Após uma série de reportagens veiculadas no Esporte Espetacular, da Rede Globo, em janeiro de 2021, que recordou o episódio da excursão, que incluía mais três ex-jogadores, e sua condenação, o treinador optou por fazer uma primeira manifestação pública ao emitir uma declaração com sua versão do fato afirmando ser inocente. Entretanto, no ano de 2023, o treinador enfrentou uma pressão inédita em sua trajetória até então, após assinar contrato com o Corinthians. Apesar dos resultados positivos, o treinador acabou pedindo demissão depois da segunda partida dirigindo o clube paulista. Neste ensaio, a partir da cobertura do jornalismo esportivo – na internet – tento localizar algumas pistas de certo movimento no futebol brasileiro na última década que desloca o silêncio de mais de trinta anos sobre o caso de violência sexual e terminou por não permitir que o treinador continuasse no Corinthians. Até este ano, Cuca tinha conseguido manter seu trabalho sem problemas, mesmo com sua condenação. Que movimento político/discursivo é possível observar neste trânsito do tolerável ao intolerável na conduta sexual de um ex-jogador de futebol?

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; Violência; Gênero.

<sup>17</sup> Doutor em Educação, UFRGS, gustavoabandeira@yahoo.com.br.



**“NÃO PERCO MEU TEMPO PRA VER ISSO”:**  
análise da Copa do Mundo Feminina 2023 nas redes sociais do ge (Twitter, TikTok e Youtube)

ISABELLA BRASIL TAVARES<sup>18</sup>  
IZABELA DE MELO MALAGOLA<sup>19</sup>  
THIAGO OLIVEIRA GOMES<sup>20</sup>  
Universidade Anhembi Morumbi

**RESUMO EXPANDIDO**

A presente pesquisa é fruto do trabalho desenvolvido pelo grupo de Iniciação Científica “Comunicação Esportiva, Mídia e Futebol”, da Universidade Anhembi Morumbi, coordenado pela professora Ana Lúcia Nishida Tsutsui e composto por cinco graduandos de Jornalismo: Guilherme Higa, Isabella Tavares, Izabela Malagola, João Pedro Rozalem e Thiago Gomes.

Para nos adequarmos às exigências do 1º Simpósio de Estudos Críticos de Feminismos, Gênero, Consumo e Capitalismo – de um máximo de dois coautores por trabalho inscrito –, optamos pela fragmentação do corpus de pesquisa em duas partes. Isso explica o porquê os tópicos contextualização do tema, problema de pesquisa, objetivos, metodologia e fundamentação teórica serão os mesmos em ambos.

A cobertura jornalística do futebol de mulheres no Brasil passou por uma significativa transformação nas últimas décadas (Januário et al., 2020; Januário; Knijnik, 2022; Kessler et al., 2022). Até recentemente, a visibilidade e o espaço dedicados ao futebol feminino nas mídias hegemônicas eram limitados ou inexistentes – e frequentemente estigmatizados (Almeida, 2016) – em contraste com o amplo destaque concedido ao futebol masculino (Lima et al., 2019). Nos últimos anos, no entanto, temos observado um avanço positivo nesse cenário, mesmo que ele ainda esteja longe de ser igualitário (Goellner, 2005).

Jornalistas esportivos e organizações dedicadas ao esporte feminino também têm desempenhado um papel fundamental na ampliação da cobertura. Por fim, o debate sobre igualdade de gênero no esporte tem ganhado destaque na sociedade, impulsionando a discussão sobre a importância de uma cobertura equitativa para o futebol de mulheres.

Frente a esse panorama, partiu-se da seguinte indagação: Como se dará a cobertura da Copa do Mundo Feminina de 2023? O objetivo é compreender o futebol enquanto fenômeno, considerando seus aspectos

<sup>18</sup> Graduanda de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), isabellabrasil38@gmail.com.

<sup>19</sup> Graduanda de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), izamelom@gmail.com.

<sup>20</sup> Graduando de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), togmes22@gmail.com.



sociológicos e históricos, além de analisar as relações entre esporte e gênero em perspectiva comunicacional.

Para tal ensejo, optamos por analisar as redes sociais Facebook, Instagram, Twitter, TikTok e YouTube do ge (globoesporte.com) – portal de notícias esportivas do Grupo Globo, maior conglomerado de mídia do país e detentora dos direitos de transmissão do evento. Neste trabalho, em específico, apresentaremos os resultados das redes Twitter (atual X<sup>21</sup>), TikTok e Youtube.

Metodologicamente, o trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica e na análise de conteúdo (Bardin, 1977). A fase de investigação teórico-empírica levou em consideração o período de 01 de julho a 22 de agosto de 2023. Por meio da análise quantitativa e qualitativa, foram selecionados, categorizados e analisados os posts, reações e comentários relacionados à competição.

Como resultados, a plataforma X sobressaiu-se em termos numéricos com 285 postagens, seguida pelo TikTok, com 43 vídeos. A cobertura do Youtube foi inexistente – apenas 5 vídeos (dois que faziam parte de uma reportagem especial para a TV sobre a história da seleção brasileira e outros três com análises centradas na figura da treinadora Pia Sundhage após a eliminação do Brasil na Copa).

O X apresentou uma cobertura intensa da Copa Feminina de Futebol. Houve frequência diária de publicações, porém esta apresentou uma diminuição considerável nos dias em que a seleção brasileira não participou dos confrontos, especialmente após a eliminação. O mesmo ocorreu em relação ao TikTok, que surpreendeu com uma cobertura razoavelmente boa do campeonato, com temas relevantes, vídeos interessantes e legendas claras, mas que decaiu ao longo da competição.

Em ambas as redes, chamou atenção a presença significativa de comentários negativos, machistas e preconceituosos, que prevaleceram em relação aos elogios e mensagens de apoio por parte do público.

Em linhas gerais, a análise da cobertura da Copa do Mundo Feminina de 2023 nas redes sociais do ge revela desafios importantes a serem enfrentados no cenário esportivo digital. A diminuição notável de postagens após a eliminação da seleção brasileira ressalta a necessidade de uma abordagem contínua na promoção do futebol feminino, indo além do interesse apenas durante os momentos de destaque.

Embora o futebol praticado por mulheres esteja avançando em termos de visibilidade e alcance, a modalidade ainda é alvo de preconceitos e deslegitimação. Há, portanto, um longo caminho até que seja possível promover a igualdade de gênero no esporte e na sociedade em geral.

---

<sup>21</sup> O dono do Twitter, Elon Musk, anunciou em 24 de julho de 2023 a mudança do nome Twitter para X.



**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol de mulheres; Copa do Mundo Feminina 2023; ge; redes sociais.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Caroline Soares de. Belas e feras, nós e as masculinizadas: discursos, corporalidades e significações. In. KESSLER, Cláudia Samuel. **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.
- JANUÁRIO, S. B.; LIMA, C. A. R.; LEAL, D. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. In. **Observatório** (2020) 14 (4), p. 42 – 62.
- JANUÁRIO, S. B.; KNIJNIK, J. (org.). **Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e Equidade**. Recife : Ed. UFPE, 2022, p. 118 – 235.
- KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva (org.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria, RS: UFSM, 2022.
- LIMA, C; BRAINER, L; JANUÁRIO, S. **Elas e o Futebol**. João Pessoa: Editora Xeroca!, 2019.



**SER MULHER E ATLETA PROFISSIONAL NA PRÁTICA ESPORTIVA DO XADREZ:**  
análise das trajetórias em suas estratégias e obstáculos enfrentados a partir de uma perspectiva de gênero

JÉSSICA DOS ANJOS JANUÁRIO<sup>22</sup>  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

ISABELA RIBEIRO FERREIRA<sup>23</sup>  
Instituto Federal do Paraná (IFPR)

LIZIANE NATHÁLIA VICENZI<sup>24</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

## RESUMO EXPANDIDO

A presente pesquisa se apresenta enquanto um recorte da proposta de projeto de doutorado delineada pela segunda autora deste estudo e com supervisão da primeira e terceira autoras como requisito de ingresso no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) no ano de 2024. Sua temática apresenta uma proposta de investigação sobre as estratégias e os obstáculos enfrentados pelas mulheres atletas no ambiente esportivo, com foco para a prática esportiva enxadrística (Santos, 2010). A fundamentação teórica se pauta na existência de desafios femininos na trajetória esportiva vivenciada por meninas e mulheres considerando a desigualdade perante aos homens atletas profissionais de xadrez. Neste sentido, o arcabouço investigativo do projeto parte de uma análise macroestrutural histórica das mulheres brasileiras no esporte até adentrar o campo do xadrez. De acordo com Rubio e Veloso (2019, p. 52), “[...] olhar para a história das mulheres atletas reforça o caráter de protagonismo por elas exercido, porém esquecido, em virtude dos projetos políticos de um esporte dominado pelos homens [...]”. A abordagem de tratamento das trajetórias vivenciadas por elas a que este estudo se propõe é a subsidiada por uma perspectiva de gênero que visa a equidade entre homens e mulheres no esporte enxadrístico profissional. Considerando a premissa de que o conhecimento do percurso cultural e do processo formativo delineado pelo xadrez há séculos até o estabelecimento de seu formato atual é desigual entre homens e mulheres, é fato que a sua prática se configura com base na

<sup>22</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) na área de concentração Educação Física e Sociedade (EFS) da Faculdade de Educação Física (FEF), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), [jessica.anjos.januario@gmail.com](mailto:jessica.anjos.januario@gmail.com).

<sup>23</sup> Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR), [isariibeiroferreira22@gmail.com](mailto:isariibeiroferreira22@gmail.com).

<sup>24</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) na área de Sociologia e História da Educação (SHE) do Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), [lizivicenzi@gmail.com](mailto:lizivicenzi@gmail.com).



existência de diversas formas de disparidades entre estes dois principais gêneros (Trivilin, 2020). Atualmente, para além destes supracitados, outras manifestações tais como transgêneros também se inserem neste debate. Estas diferenças apontam, por sua vez, para uma desproporção relativa à presença e predominância masculina em detrimento da feminina que é disparadora de questões, por exemplo, que indagam sobre a pertinência das diferenças entre homens e mulheres atletas. Mediante tais reflexões, o problema central desta pesquisa se constrói por meio da seguinte questão: quais os obstáculos e estratégias enfrentados por ser mulher e atleta profissional de xadrez no interior da esfera esportiva? Assim sendo, o objetivo geral deste trabalho tem o intuito de refletir e analisar sobre a existência de estratégias e obstáculos enfrentados pelas atletas profissionais de xadrez em suas trajetórias no ambiente esportivo com uma perspectiva de gênero, considerando a diferença entre homens e mulheres atletas profissionais no xadrez. Entre os objetivos específicos elaborados estão: a) apresentar a singularidade da luta feminina e a inserção das mulheres no esporte, assim como no jogo de xadrez, e a inserção das mulheres no âmbito do xadrez profissional com uma perspectiva de gênero; b) analisar sob uma ótica de gênero a estrutura dos torneios enxadrísticos profissionais; e c) debater pontos de vista das atletas sobre a igualdade de gênero dentro do ambiente esportivo profissional, discutindo estratégias de fortalecimento para os obstáculos encontrados pelas mulheres nestes ambientes. Entre as possibilidades de análise das dificuldades e desigualdades enfrentadas pelas enxadristas profissionais, propõe-se a utilização das metáforas oriundas do campo das relações de gênero relativas ao “teto de vidro” e ao “labirinto de cristal” (Lima, 2008) como possibilidades de tratamento e compreensão acerca das trajetórias das meninas e mulheres no âmbito do xadrez profissional. Espera-se refletir, analisar e aprofundar conhecimentos sobre o contexto da inserção, da permanência e das possibilidades (ou não) de êxito das jogadoras de xadrez profissional em suas trajetórias no contexto enxadrístico. É intento, ademais, levantar elementos importantes para a inserção de possibilidades de melhorias das condições de vida destas enxadristas desde os processos de educação e de socialização em tenra idade até o alcance de perspectivas desta prática como profissão ao longo do desenvolvimento humano nas mais diferentes fases da infância, da juventude, da vida adulta e da velhice.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres; Esporte; Gênero; Xadrez; Trajetória.

## REFERÊNCIAS

LIMA, Betina Stefanello. **Teto de vidro ou labirinto de cristal?** As margens femininas das ciências. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.



RUBIO, Katia; VELOSO, Rafael Campos. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. In: **Revista USP**, São Paulo (SP), n. 122, p. 49-62, 2019.

SANTOS, Pedro Sérgio. **O que é xadrez**. Brasília: Editora Brasiliense, 2010.

TRIVILIN, Maria Isabel. Gênero e Xadrez: A posição da mulher no mundo enxadrístico. In: **Revista Mundi Engenharia, Tecnologia e Gestão**, Paranaguá (PR), v.5, n.1, p. 211-225, 2020.



## ALÉM DOS MÚSCULOS:

Desafio às masculinidades hegemônicas no fisiculturismo

JOÃO VÍTOR NUNES MARQUES<sup>25</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

### RESUMO

Ao longo dos últimos anos, o fisiculturismo se estabeleceu internacionalmente como uma indústria lucrativa. O Mr. Olympia, principal competição da modalidade, soma patrocinadores e distribuiu mais de 1,5 milhão de dólares (cerca de R\$ 7,3 milhões na cotação da época em que o torneio foi disputado) em premiações individuais a competidores de diferentes categorias em 2023. No Brasil, o *bodybuilding* acumula fãs. O grande nome do país é o acreano Ramon Rocha Queiroz, mais conhecido como Ramon Dino. Aos 28 anos, ele vive o auge de uma ascensão meteórica e ficou em segundo lugar na categoria *Classic Physique* pelo segundo ano consecutivo. Dino se aproveitou da evolução do próprio físico — impulsionado pelo uso de anabolizantes, prática comum na modalidade — para alavancar a base de seguidores: são mais de 5,2 milhões só no *Instagram*<sup>26</sup>. A título de comparação, o número supera o de ídolos de grandes torcidas do futebol, esporte mais popular do país, como Hulk, do Atlético-MG (4,2 milhões), Romário, com passagem por várias equipes e a Seleção Brasileira (3,4 milhões), Cássio, do Corinthians (2,7 milhões), Dudu, do Palmeiras (2,2 milhões), e Germán Cano, do Fluminense (1,2 milhão). Outro dado que chama a atenção é que a transmissão da final da competição pelo fisiculturista e influenciador brasileiro Renato Cariani no *YouTube* teve 4,6 milhões de visualizações<sup>27</sup>.

Controversa e cheia de especificidades, a modalidade reforça e persegue ideais associados à masculinidade e à virilidade a partir de características como performance, força, aparência muscular e resistência (Subasi Harmanci, Okray, 2021; Santos, Prado, Francisco, 2021). Diversos estudos no Brasil e no mundo têm analisado o naípe feminino e identificado uma complexa dinâmica em que a tonificação dos músculos — tão associada histórica e socialmente às masculinidades — é contraposta por uma busca das mulheres competidoras de ressaltar a feminilidade (Boyle, 2005; Jaeger e Goellner, 2011; Lessa, 2012). Para isso, apresentam-se nas competições com maquiagem, acessórios, roupas brilhantes e delicadas, com unhas e cabelos feitos, que, apesar de não serem considerados oficialmente nos critérios avaliativos, viraram regra entre as atletas.

Em meio a um contexto tão complexo, este trabalho propõe analisar as dinâmicas entre masculinidades e

<sup>25</sup> Mestrando, UFMG, jvnmarques@gmail.com.

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://instagram.com/ramondinopro>>. Acesso em 18 nov, 2023.

<sup>27</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=hff\\_DiCzz\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=hff_DiCzz_I)>. Acesso em 18 nov, 2023.



feminilidades em um caso específico que foge dos grandes circuitos do fisiculturismo, mas que gerou debates no nicho de interessados na modalidade. Em junho de 2023, o estadunidense Ibrahim Isaiiah Pratt, declaradamente LGBTQIAPN+, foi o quarto colocado da categoria *Classic Physique* no campeonato amador *Kuclio Classic*, nos Estados Unidos. Apesar de ter ficado fora do pódio, ele viralizou ao se apresentar maquiado, com cílios postiços, um *piercing* no mamilo e as longas unhas feitas. A performance, que desafia os ideais de virilidade do naípe masculino, gerou uma série de disputas simbólicas entre apoiadores, que o incentivaram e o elogiaram, e críticos, que o atacaram fortemente nas redes sociais. Só no perfil de Pratt no *Instagram*<sup>28</sup>, o vídeo da apresentação tem mais de 3,3 milhões de visualizações e 6,4 mil comentários.

Este trabalho propõe uma análise de conteúdo quali-quantitativa nas três etapas sugeridas por Bardin (2016): pré-análise, exploração do material e, finalmente, tratamento dos dados. Em resumo, serão analisados e devidamente categorizados os mais de 260 comentários na publicação do perfil oficial do torneio *Kuclio Classic* com o vídeo da apresentação de Pratt<sup>29</sup>. A partir desse procedimento metodológico, pretende-se compreender de que maneira a performance repercutiu simbolicamente em um ambiente tão conservador como o do fisiculturismo. Ao mesmo tempo em que há críticas à performance dita desviante, nota-se também um movimento de apoio ao atleta.

**PALAVRAS-CHAVE:** fisiculturismo; esporte; masculinidades; comunicação.

## REFERÊNCIAS

BOYLE, Lex. Flexing the tensions of female muscularity: How female bodybuilders negotiate normative femininity in competitive bodybuilding. **Women's Studies Quarterly**, v. 33, n. 1/2, p. 134-149, 2005.

EVANS, Belinda. Breaking Down The 2023 Mr. Olympia Prize Money of Over \$1.5 Million. **Fitness Volt**, 2023. Disponível em: <<https://fitnessvolt.com/2023-olympia-prize-money-breakdown/>>. Acesso em: 18 de nov. de 2023.

JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 955-976, 2011.

LESSA, Patricia. Corpos blindados: a desconstrução de gênero no fisiculturismo feminino. **Revista Ártemis**, v. 13, n. 1, 2012.

SANTOS, Victor Cesar Belloni dos; PRADO, Vagner Matias do; FRANCISCO, Marcos Vinicius. Tá “Monstrão”!

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/CtHjNOug6-h>>. Acesso em 18 nov, 2023.

<sup>29</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/CvPNLYwJwsj/>>. Acesso em 18 nov, 2023.



A Construção da Masculinidade em uma Academia de Musculação. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 12, n. 1, p. 3453, 2021.

SUBAŞI, Bingül; OKRAY, Zihniye. Construction of masculinity through bodybuilding: a qualitative study. **Çukurova Üniversitesi Sosyal Bilimler Enstitüsü Dergisi**, Turquia, v. 30, n. 1, p. 83-91, março, 2021.



**GÊNERO E FUTEBOL FEMININO:**  
análise dos discursos de pessoas envolvidas numa competição escolar

LÍGIA LUÍS DE FREITAS<sup>30</sup>

**RESUMO EXPANDIDO**

A presente proposta resulta de uma pesquisa que fundamentou minha dissertação de mestrado cujo foco de análise foram os discursos de professores e professoras, alunas, pai, mãe, alunos (colegas), juiz e pessoas que organizaram e participaram de uma Copa de Futebol Feminino Escolar, do município de João Pessoa/PB. O esporte ganha espaço, particularmente na segunda fase do ensino fundamental, período em que se inclui o esporte como conteúdo curricular das aulas de educação física. Ainda é comum encontrar profissionais convictos de que determinadas práticas não são apropriadas para as meninas, a exemplo do futebol/futsal, e outras são inadequadas para meninos, a exemplo da dança. Apesar das visíveis mudanças no que diz respeito ao crescimento e reconhecimento do futebol das mulheres no contexto da sociedade em geral, na escola estes esportes seguem sendo vistos como esportes que agregam e estão disponíveis para os meninos. O objetivo foi analisar os discursos de professores/professoras, alunas, pai/mãe e colegas envolvidos, direta ou indiretamente, na organização de uma copa escolar de futebol feminino, a partir da perspectiva de gênero. O estudo foi constituído por uma parte teórica com base em obras do campo da sociologia, da educação e da educação física (BOURDIEU, 1989 e 1999; FOUCAULT, 1979; DOWLING, 2001; SCHPUN, 1999; ROMERO, 1990; CASTELLANI FILHO, 1988; NÓBREGA, 2003; FREITAS, 2002) que discutem a influência da cultura na construção dos papéis masculinos e femininos e na naturalização das diferenças de sexo e de gênero. A pesquisa empírica se efetivou antes e durante a realização do evento. Foram feitas visitas aos treinos das meninas, momento em que se fotografava e conversava com alunas, professores(as) e colegas que estavam no contexto. Período rico também para utilização das técnicas de observação sistemática para as notas de campo, bem como para a realização de entrevistas. Sendo a prática esportiva um dos espaços onde se constroem as identidades de cada indivíduo, naquele momento era fundamental observar os valores que perpassavam o seu ensino, os quais, muitas vezes, refletiam as crenças da sociedade patriarcal/machista, contribuindo para a reprodução de ideias dicotomizadas de acordo com o gênero. A análise dos dados revelou que a prática do futebol pelas meninas não se configura em um problema para elas. Entretanto, neste caminho de conquista por mais espaço no futebol escolar, as meninas encontram uma série de dificuldades

<sup>30</sup> Doutora, Centro Escolar Municipal de Atividades Pedagógicas Integradoras Arthur da Costa Freire (Cemapi), [ligialfreitas@gmail.com](mailto:ligialfreitas@gmail.com).



estruturais, preconceitos, estereótipos e credências relativas à prática do futebol feminino, entre as quais destaca-se a ideia, ainda recorrente, de que o futebol por ser uma atividade intensa, exigiria qualidades físicas incompatíveis com a natureza da mulher. O tema em pauta vem ganhando cada vez mais espaço nas produções acadêmicas, muitos dos trabalhos são resultado das reflexões de educadores e educadoras, mulheres e homens preocupados(as), mas, sobretudo, animados(as) com a criação de alternativas capazes de ampliar e favorecer o surgimento de iniciativas educacionais voltadas para a discussão das relações de poder alicerçadas na “diferença” biológica para justificar as “desigualdades” e à proposição de novas relações que contribuam para afirmar uma educação física para a igualdade, para a equidade e para o respeito às diferenças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero; Futebol Feminino; Sexismo; Relações de Poder; Discurso.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1989.

CASTELLANI F., Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, SP: Papirus, 1988.

DOWLING, Colete. **O mito da fragilidade feminina**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2001.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1979.

FREITAS, Lígia. L. de. **O discurso da educação física e as questões de gênero**. In: Temas em Educação, n 11, João Pessoa: Editora Universitária, 2002.

NÓBREGA, Terezinha. P. da. **Corpo, gênero e educação: apontamentos para uma agenda social e política do corpo**. In: Gênero e Educação: múltiplas faces. João Pessoa: Ed. Universitária, 2003.

SCHPUN, Mônica. R. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Boitempo Editorial e Editora do SENAC, 1999.

ROMERO, Elaine. **Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) USP, São Paulo, 1990.



## A CONSTITUIÇÃO SOCIOCULTURAL DA COMUNIDADE ENXADRÍSTICA DE MULHERES NO BRASIL:

Recorte dos eixos de análise relativos aos aspectos sobre a idade e a atuação profissional desta população

LIZIANE NATHÁLIA VICENZI<sup>31</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

JÉSSICA DOS ANJOS JANUÁRIO<sup>32</sup>  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

TAÍS JULIÃO<sup>33</sup>  
Universidade de Brasília (UnB)

### RESUMO EXPANDIDO

Este trabalho contempla a síntese de um artigo que mapeia a constituição sociocultural da comunidade enxadrística de mulheres no Brasil produzido pelo coletivo voluntário da Liga Brasileira de Xadrez Feminino<sup>34</sup> (LBXF). Nele, buscou-se investigar o panorama condizente com a constituição sociocultural da comunidade enxadrística feminina brasileira a partir de uma perspectiva de gênero do subcampo esportivo do xadrez (Januário, 2014, 2017; Souza; Starepravo; Marchi Júnior, 2011). Sua fundamentação teórica é endossada pela perspectiva de gênero do subespaço do esporte (Bourdieu, 1983) enxadrístico que, entre as suas contemporâneas disputas, engloba o etarismo e aquelas referentes à profissionalização de mulheres no esporte (Adelman, 2006; Bowes; Culvin, 2021).

A abordagem quanti-qualitativa de pesquisa foi utilizada, sendo as categorias quantitativas descritas a partir de medidas de tendência central e percentil e as qualitativas por meio de frequência e agrupamento em eixos de análise comuns. Para a produção dos dados, aplicou-se um questionário *online* sobre o qual obteve-se 401

<sup>31</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) na área de Sociologia e História da Educação (SHE) do Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), [lizivicenzi@gmail.com](mailto:lizivicenzi@gmail.com).

<sup>32</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) na área de concentração Educação Física e Sociedade (EFS) da Faculdade de Educação Física (FEF), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), [jessica.anjos.januario@gmail.com](mailto:jessica.anjos.januario@gmail.com).

<sup>33</sup> Mestre em Relações Internacionais na área de concentração História das Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais (IREL) da Universidade de Brasília (UnB), [tais.xadrez@gmail.com](mailto:tais.xadrez@gmail.com).

<sup>34</sup> A Liga Brasileira de Xadrez Feminino (LBXF) é um movimento independente da comunidade enxadrística brasileira. Fundada em 2013, reúne pessoas que se reconhecem na identidade feminina. Visa a promoção, o desenvolvimento e o intercâmbio de enxadristas e demais agentes envolvidas com o xadrez no país atuando por meio de grupos de trabalhos e núcleos de projetos para o fortalecimento da gestão, comunicação, organização de torneios e divulgação científica do xadrez feminino (LIGA BRASILEIRA DE XADREZ FEMININO, 2023).



respostas válidas, amostra estatisticamente significativa (em um intervalo de confiança de 95%,  $p < 0,05$ ) em relação a um universo válido de 4.062 meninas e mulheres registradas no Brasil (Federação Internacional de Xadrez, 2023). Dentre os eixos de análise do artigo completo, elegeu-se para este resumo expandido a idade e a atuação profissional.

Em resultados e discussões, o primeiro eixo de análise supracitado identificou a distribuição por faixa etária das meninas e mulheres, a qual se concentrou em 155 pessoas (39% do total) jovens entre 14 a 23 anos, ou seja, nascidas ao longo dos anos de 2000 e 2009. A composição desta população por pessoas relativamente mais novas suscita indagações sobre o efeito da idade relativa, mecanismo associado a como diferenças de agrupamentos etários afetam o desenvolvimento e engajamento na prática esportiva considerando o interior de um corte temporal (Baker et al., 2009; Breznik; Law, 2016; Côté et al., 2006; Hancock; Adler; Côté, 2013). O exame do efeito da idade relativa destes dados, considerando a divisão por trimestres (em um intervalo de confiança de 99%,  $p < 0,01$ ), traz que, para o teste do qui-quadrado ( $\chi^2$ ), as divisões elencadas não foram estatisticamente significativas. Se alteradas as divisões para semestres, considerando-se a aplicação do mesmo teste do qui-quadrado ( $\chi^2$ ), a amostra igualmente não foi estatisticamente significativa. Conclui-se, assim, que não há incidência do efeito da idade relativa nesta população.

O segundo eixo de análise abordou as áreas de atuação em que esta população se dedica. Dentre aquelas que responderam que se dedicam ao “Trabalho”, ressalta-se a grande quantidade de 58 pessoas (32% do total) que se designaram profissionais da área de Pedagogia. Dentre as especialidades elencadas, chama a atenção o número de professoras com formação em Educação Física e em Xadrez. Considerando que a maioria das participantes se dedica ao ensino da modalidade, faz-se relevante averiguar quais são os saberes, as metodologias, os valores e as concepções didático-pedagógicas sobre o processo de ensino e aprendizagem que vigora na profissão.

Tais achados apontam para a eminência de uma população jovem, a qual desperta iniciativas que, portanto, desenvolvam a veiculação da modalidade em uma linguagem a esta faixa da vida condizente, bem como por meios que a tornem atrativas a um público promissor que pode, por meio da disseminação cultural, influenciar gerações futuras. Em relação à atividade profissional, mesmo sendo o xadrez esporte, parece não ser exclusividade da área da Educação Física o processo formativo destas professoras, bem como há pouca dedicação no que tange ao profissionalismo da prática. Neste sentido, são estes dois subsídios para a dedicação exclusiva de futuros estudos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esporte; Mulheres; Xadrez; Comunidade Enxadristica; Aspectos Socioculturais.



## REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 01, p. 11-29, 2006.
- BAKER, Joe. et al. Circumstantial development and athletic excellence: the role of date of birth and birthplace. **European Journal of Sport Science**, England & Wales, v. 9, n. 6, p. 329-339, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOWES, Ali; CULVIN, Alex. Introduction: issues and debates in the professionalisation of women's sport. In: \_\_\_\_\_. **The Professionalisation of Women's Sport (Emerald Studies in Sport and Gender)**. Emerald Publishing Limited, Bingley, p. 1-15, 2021.
- BREZNIK, Kristijan; LAW, Kris. Relative age effect in mind games: the evidence from elite chess. **Perceptual and motor skills**, United States, v. 122, n. 2, p. 583-594, 2016.
- CÔTÉ, Jean et al. When “where” is more important than “when”: birthplace and birthdate effects on the achievement of sporting expertise. **Journal of Sports Sciences**, England & Wales, v. 24, n. 10, p. 1065-1073, 2006.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ. Disponível em: <<http://www.fide.com/>>. Acesso em: 3 abr. 2023.
- HANCOCK, David; ADLER, Ashley; CÔTÉ, Jean. A proposed theoretical model to explain relative age effects in sport. **European Journal of Sport Science**, England & Wales, v. 13, n. 2, p. 630-637, 2013.
- JANUÁRIO, Jéssica. **Trajatória esportiva de grandes mestres brasileiros: aspectos socioculturais e pedagógicos no campo social do xadrez**. 2014. 67 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.
- JANUÁRIO, Jéssica. **A herança na trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros: processos educacionais e esportivos de formação de uma elite cultural**. 2017. 572 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.
- LIGA BRASILEIRA DE XADREZ FEMININO. Disponível em: <<https://ligabrasileiraxadrezfeminino.com/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- SOUZA, Juliano; STAREPRAVO, Fernando; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. O processo de constituição histórico-estrutural do subcampo esportivo do xadrez: uma análise sociológica. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 93-113, 2011.



**AS “DONAS” DAS ARQUIBANCADAS:**  
A representação de torcedoras símbolos através das páginas da Revista Placar

MARIA KAROLINNE RANGEL DE MELLO<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais

**RESUMO EXPANDIDO**

As torcedoras mulheres se fizeram presente em boa parte da trajetória do futebol no Brasil, “o futebol, assim como outras modalidades esportivas, proporcionou à mulher experimentar o mundo para além dos domínios da casa” (Costa, 2007, p.7). Nesse ambiente, a figura das mulheres nas arquibancadas tomou grande influência através das torcedoras símbolos, denominação dada à torcedores e torcedoras conhecidos e respeitados por suas torcidas (MÜLLER; NEITZKE, 2018). Sempre presente nos jogos, seus nomes passaram a extrapolar as arquibancadas. Todas essas importantes figuras femininas compartilham algo em comum além do amor a seus times: as suas faixas etárias. Surge-se assim, os apelidos de “tias”, “donas” e “avós” de uma massa de torcedores. Sendo as arquibancadas e torcidas organizadas compreendidas como um ambiente masculino e demarcado pela violência (Dunning; Elias, 1992), é necessário compreender as razões que fizeram com que essas torcedoras rompessem barreiras de gênero. Atrelado a isso, entender como essas mulheres e suas formas de torcer eram retratadas pelos meios jornalísticos, visando identificar torcedoras símbolos de diversos estados do Brasil. Dessa forma, tem-se como objetivo principal compreender a participação e influência das torcedoras símbolos na construção do torcer. Logo, almeja-se construir perfis das torcedoras símbolos, visando identificar como romperam barreiras para adentrar nesse ambiente. Através de uma análise documental, buscou-se identificar as abordagens dos meios esportivos quando se referiam às mulheres torcedoras durante trinta anos: de 1970 até do fim dos anos 90. Para isto, foi utilizado como material de pesquisa um grande periódico esportivo do século XX: a *Revista Placar*. A investigação se deu ao uso do recurso de busca por palavras-chave. Ao todo, durante as três décadas propostas para análise, a Revista Placar lançou 1349 edições, onde os maiores dados sobre as torcedoras símbolos foram encontrados nos anos 80 e o menor deles na década seguinte. Corroborando com essa proposta, como ferramenta de apoio, foi utilizada uma pesquisa bibliográfica com base em produções já feitas sobre os torcedores símbolos do futebol, com o intuito de compreender quem eram essas mulheres, suas vivências, relações com o futebol e as influências que exerceram nas arquibancadas e dentro das torcidas. Dessa forma, torna-se importante compreender os motivos pelos quais as torcedoras símbolos se tornaram referência em um campo “masculino”,



mas ainda não recebem a devida atenção que suas histórias merecem. Ademais, através do que difere elas dos demais torcedores/torcedoras, é importante também entender quais os aspectos distintivos que deixaram para as torcidas que faziam parte, influenciando outras mulheres a encontrarem um espaço nesse ambiente. Sendo o gênero uma das formas de dominação simbólica como caracteriza Bourdieu (2002), o domínio masculino estaria enraizado em todas as relações sociais presentes na sociedade. Dessa forma, pode-se compreender que as mulheres torcedoras estão historicamente situadas para uma posição de reféns diante das normas e compreensões que inferiorizam sua presença em torcidas organizadas e na manifestação do torcer (Campos, 2010). Sendo as identidades femininas presentes nas arquibancadas compreendidas como múltiplas (Araújo, 2022), é de imaginar que suas representações ocorrem em diferentes classes, raças e faixas etárias. Sendo identificadas como torcedores símbolos, essas torcedoras ultrapassam um limite imposto através de um *habitus* da classe dominante que ditava a sua aceitação ou não. Por conseguinte, o pioneirismo das “tias” e “donas” das arquibancadas se deu justamente por romper estas barreiras e estigmas que impedia, e ainda impede, o torcer das mulheres. Devido ao fato que algumas dessas torcedoras já faleceram, torna-se importante evidenciar a história e trajetória dessas mulheres enquanto não só torcedoras, mas mulheres que quebraram barreiras e se encontram como influência até os dias de hoje. Entre os dados encontrados na primeira coleta foram encontrados matérias, fotos e entrevistas com algumas torcedoras símbolos como: Dona Elisa (Corinthians); Dulce Rosalina (Vasco da Gama); Dona Conceição e Dona Ana (Ponte Preta); Filinha (São Paulo); entre outras. Nas páginas da Placar, a presença dessas mulheres nas arquibancadas é exaltada, como por exemplo na matéria “Os Milagre de São Januário” na edição nº343, em 1976, onde a imagem da torcedora símbolo vascaína Dulce Rosalina está centralizada ao lado de São Januário, como se sua figura representasse também uma divindade. Outros exemplos podem ser observados quando se há discussões nas páginas da revista sobre o desempenho dos times, onde a opinião das torcedoras símbolos são apresentadas, destacando sua relevância para os demais torcedores, como por exemplo na edição nº371, em 1977, com a torcedora Nadir (Vila Nova). Entretanto, é preciso esclarecer que as menções as torcedoras na Placar, em sua maioria, são em pequenos trechos. Poucas são as que ganharam um destaque maior, através de imagens ou uma página exclusiva para elas. Logo questiona-se, “por que (e desde quando) as mulheres são invisíveis como sujeitos históricos, ainda que saibamos que elas participam de grandes e pequenos eventos da história humana?” (Scott, 1995, p.93). Dessa forma, enfatiza-se a importância de ressaltar a figura das torcedoras símbolos, dando voz a suas influências no torcer feminino e nas arquibancadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** torcedoras símbolos; gênero; revista placar.



## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Küh-ner. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

COSTA, Leda Maria da. O que uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e sociedade**, n. 4, p.1-31, 2007.

DE ARAÚJO, Daniela Torres. Representação do feminino: As múltiplas identificações das torcedoras de futebol. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 15, n. 1, p.1-16, 2022.

DUNNING, E.; ELIAS, N. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

MÜLLER, Dalila; NEITZKE, Juan Sampaio. A vida de um torcedor símbolo. **Revista Eletrônica História em Reflexão**. Dourados, v. 12, n. 24, p. 146-164, 2018.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n.434, nov. 1976.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n.371, jun. 1977.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p.71-99, 1995.



**MAIS DO QUE “FADINHA DO SKATE”:**  
construções discursivas de Rayssa Leal nas peças publicitárias de Nescau e Banco do Brasil<sup>35</sup>

Monique de Souza Sant’Anna FOGLIATTO<sup>36</sup>  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus de Bauru

**RESUMO EXPANDIDO**

Nos últimos anos assistimos à ascensão midiática de uma modalidade nativa marginalizada, estigmatizada e contracultural, o skate. Predominantemente composta por uma parcela juvenil e masculina cis, os “carrinhos” incorporaram os desvios (Becker, 2008) à sua identidade, consolidando-se em um cenário competitivo próspero e sólido com o passar dos anos. Mas, se para eles o caminho já se mostrava tortuoso, para aquelas que se aventuravam sobre as pranchas do asfalto os estigmas ainda atravessavam questões de gênero e sexualidade. Ressignificando os estigmas de “à procura de um homem”, “a acompanhante de um homem” ou “aquela que desejava ser como um homem” (Anderson, 1999) as skatista, aos poucos, ganharam espaço, visibilidade e reconhecimento, que culminou no atual momento vivido pelo skate feminino competitivo, marcado por uma série de mulheres jovens, de diferentes nacionalidades, habilidosas e bem-sucedidas enquanto skatistas profissionais.

Considerado potência das rodinhas, o Brasil apresentou ao mundo Rayssa Leal, atleta multicampeã que sagrou-se referência para toda uma nova geração de skatistas. A jovem, de apenas 15 anos, foi apresentada ao mundo em 2015, após o sucesso de compartilhamentos de um vídeo em que, vestida de fada, realizava um heelflip em uma escadaria de sua cidade natal, Imperatriz (MA), ocasião que lhe rendeu o apelido carinhoso de “Fadinha do skate”. Desde a primeira vitória, em um campeonato em Blumenau, outras tantas se seguiram: inúmeras etapas da Street League Skateboarding (SLS) entre 2019 e 2022, a prata olímpica em Tóquio (2021) e o ouro nos X Games (2023) são alguns dos marcos esportivos de Rayssa.

O inevitável avanço etário não impediu a constante associação ao apelido conquistado pela maranhense, ainda que, por vezes, seja apenas um pressuposto recorrido, sobretudo, na composição das narrativas que envolvem a imagem da atleta. O maniqueísmo presente nestas construções discursivas é bastante evidente: de um lado, a jovem bem-sucedida, multicampeã e referência por sua performance dentro das pistas, de outro, a eterna “Fadinha do skate”, que aciona imaginários infantis e serve de espelho para uma geração de pequenos skatistas. Esse jogo discursivo é evidenciado, sobretudo, na composição de peças publicitárias protagonizadas pela atleta,

<sup>35</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

<sup>36</sup> Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) Campus de Bauru, moniquefogliatto@gmail.com



que ora tendem para um dos lados, razão pela qual as elegemos para análise.

Sustentados pela Análise de Discurso de linha francesa, olharemos para duas campanhas publicitárias veiculadas por patrocinadores oficiais da carreira da atleta, Nescau e Banco do Brasil de forma a compreender quais as construções discursivas que envolvem a imagem de Rayssa Leal nas campanhas “Energia para crescer jogando”, do achocolatado, e “Conta BB Cash” da instituição bancária. A presença de públicos-alvo distintos, crianças e adolescentes, respectivamente, e as intencionalidades envolvidas na produção do discurso publicitário, acionam implícitos e subentendidos (DUCROT, 1977) que, direta ou indiretamente, resvalam no imaginário construído sobre a jovem skatista. Apesar de essencialmente eufóricas, devido aos interesses que relacionam a atleta de alto rendimento e as empresas, observa-se pontos relevantes a serem analisados: a conquista da prata olímpica e o retrospecto de conquistas que também alçou visibilidade ao skate competitivo também serve de força motriz para a apresentação da skatista imperatrizense como sinônimo de sucesso e modelo a ser seguido, construções que, no cenário interdiscursivo, compreendemos como benéficas tanto para a carreira de Rayssa quanto para as empresas que a ela se associam, razão que a fazem ser escolhida como protagonista de campanhas publicitárias que contemplam diferentes faixas etárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construções discursivas; Rayssa Leal; Publicidade; Skate

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, K. Snowboarding: The construction of gender in an emerging sport. **Journal of Sport and Social Issues**, 23(1), p.55–79, 1999

BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Campinas: Editora Zahar, 2008.

DUCROT, Oswald. Dizer e não dizer. **Princípios de Linguística Semântica**. São Paulo: Cultrix, 1977

NESCAU. NESCAU Apresenta: a Energia da Rayssa. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NTawCHofbUc> (Acesso em 08 de novembro de 2023)

BANCO DO BRASIL. A conta BB Cash tá na área!. Youtube. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ImnNO4E6X6w&list=PLA9oFuwfYUw9Ufr\\_eGL3bvNeQLrRiL4UI&index=6](https://www.youtube.com/watch?v=ImnNO4E6X6w&list=PLA9oFuwfYUw9Ufr_eGL3bvNeQLrRiL4UI&index=6) (Acesso em 08 de novembro de 2023)



## FUTSAL FEMININO NA ESEFFEGO: DRIBLANDO PRECONCEITOS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Nívea M<sup>a</sup> S. Menezes<sup>37</sup>  
Universidade Estadual de Goiás  
Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás/UnU ESEFFEGO

### RESUMO EXPANDIDO

O Projeto Entrelinhas: Futsal Feminino na ESEFFEGO (PEFFE) configura-se como uma ação extensionista promovida na Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás/ESEFFEGO e ocorre desde maio de 2015. A finalidade do presente trabalho é trazer dados referentes à pós pandemia, em que as atividades presenciais foram retomadas no período referente de maio de 2022 a fevereiro de 2023. O objetivo do PEFEE foi desenvolver por meio de atividades organizadas semanalmente a participação no futsal por mulheres jovens e adultas, independentemente de sua experiência com a modalidade. Nas metas específicas, buscamos ensinar os fundamentos básicos, as táticas e as regras do futsal nas aulas; bem como promover reflexões sobre a condição da mulher em nossa sociedade a partir deste esporte, além de propiciar a democratização do espaço público para as mulheres da comunidade goianiense. Participaram do projeto 27 alunas, com idades entre 23 e 41 anos, com aulas ministradas por acadêmicas do curso de Educação Física da ESEFFEGO. A metodologia adotada se deu por planejamento da coordenadora e das monitoras. Os aportes teóricos utilizados foram (CAMARGO; ALTMANN, 2021), (GOELLNER, 2005) e (MUTTI, 2003). Os resultados alcançados nas aulas em 2022 e início de 2023, de acordo com a nossa avaliação e das alunas, conseguiu tornar o espaço do Centro de Excelência do Esporte (CEE) mais acessível para a prática do futsal feminino, assegurou às alunas aprendizados dos fundamentos, regras e o noção do jogo em si e no que diz respeito à compreensão das mesmas como praticante desse esporte, bem como os estereótipos existentes em relação a ele.

### METODOLOGIA

O desenvolvimento do projeto ocorreu com o planejamento das aulas sob a orientação e supervisão da coordenadora juntamente com as monitoras. As aulas aconteceram duas vezes por semana à noite, buscando através de atividades individuais, pequenos e grandes grupos com base no nível de cada aluna, desenvolver os fundamentos do futsal. Se desenvolveu na quadra de futsal do CEE. Para melhor compreensão do andamento do projeto, recepção e aprendizagem das alunas acerca do mesmo, realizamos a aplicação de questionários

<sup>37</sup> Doutora em Educação, Universidade Estadual de Goiás/ UEG/UnU ESEFFEGO, [nimenezes@gmail.com](mailto:nimenezes@gmail.com)



semiabertos no segundo semestre de 2022. Nosso intuito foi verificar a percepção das alunas sobre a condição da mulher como praticante de uma modalidade historicamente do universo masculino.

## RESULTADO

Considerando os objetivos do projeto e a avaliação das alunas participantes, realizada por meio de questionários semiabertos contendo 09 questões em torno do aprendizado do futsal no projeto, evidenciou-se aspectos relacionados a algum tipo de preconceito sofrido pela opção em participar do futsal, a democratização do espaço público para a comunidade e do incentivo à socialização entre as mulheres da comunidade por meio da prática esportiva. Tivemos a devolutiva de 16 questionários e as categorias que mais se destacaram dizem respeito ao aprendizado nas aulas, em que as 10 alunas alegaram estarem satisfeitas com a metodologia e didática das aulas; 12 alunas afirmaram que já jogavam antes; 10 alunas relataram não sofrer preconceitos por optarem pela modalidade futsal e 06 alunas afirmaram ao longo da vida ter sofrido preconceitos devido ao futsal ser considerado uma prática masculina e por questões sexistas a respeito da capacidade e qualidade das jogadoras; as 16 alunas ressaltaram que o PEFPE conseguiu não somente democratizar o espaço do CEE para a prática do futsal feminino em Goiânia, como difundiu e garantiu qualitativamente com que as alunas conseguissem aprender os fundamentos, regras e a lógica do jogo em si.

## CONCLUSÕES

Considerando a proposta do PEFPE, o feedback das alunas foi positivo e o objetivo de estabelecer um diálogo com a comunidade abordando a desmistificação da presença das mulheres na prática do futsal foi alcançado. Também destacamos nesse processo as acadêmicas que ministraram as aulas, as quais qualificaram sua prática pedagógica por meio da experiência que esse projeto proporciona na universidade e garantiram a unidade teoria-prática a partir de uma discussão crítica sobre a condição da mulher na nossa sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futsal; Gênero; preconceito; Esporte

## REFERÊNCIAS

- CAMARGO, Wagner Xavier de; ALTMANN; Helena. **Deslocamentos políticos e de gênero no esporte**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 2, 2021.
- GOELLNER, S. V. **Mulheres e futebol no Brasil**: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-152, abr./jun., 2005.
- MUTTI, Daniel. **Da iniciação ao alto nível**. São Paulo, Phorte, 2003.



## E EU NÃO SOU UMA MULHER?

Mulheres negras e seus processos de autovalorização e resistência no jornalismo esportivo

Rafaela Cristina de Souza<sup>38</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais

### RESUMO EXPANDIDO

O jornalismo esportivo tem sido estudado a partir de diferentes perspectivas e métodos ao longo das últimas décadas. Na área da Comunicação e Esporte, por exemplo, panoramas de pesquisas do subcampo realizadas por Fortes (2011, 2014) e Vimieiro et al. (2023a) mostram a predominância do jornalismo esportivo como objeto de estudo, ao mesmo tempo em que identificam lacunas ainda existentes na área, já que essa editoria muitas vezes é estudada sem o aporte teórico necessário e/ou sem o uso de categorias próprias. Ademais, quando olhamos especificamente para a produção sobre gênero e esporte no Brasil, a maioria das pesquisas privilegiam análises textuais, sem considerar quem está por trás da produção do jornalismo esportivo. Esse é um aspecto que nos interessa de forma particular, já que a presença de mulheres no jornalismo esportivo ainda é pequena no Brasil, conforme apontam pesquisas anteriores como o levantamento *The International Sports Press Survey* (2011), Dantas (2015) e Vimieiro et al. (2023b). Na pesquisa mais recente apresentada por Vimieiro e colegas (2023), a grande maioria das mulheres que atuam ou já atuaram no jornalismo esportivo brasileiro se identificam como brancas e heterossexuais, o que dialoga com o cenário que identificamos especialmente nos programas e coberturas realizadas sobre diferentes modalidades esportivas em canais televisivos.

Diante desse panorama geral, este trabalho tem como principal objetivo analisar e entender, a partir de uma perspectiva que dialoga com o pensamento feminista negro (Collins, 2016; 2019), se e como mulheres negras refletem sobre a invisibilidade de jornalistas negras dentro da editoria de esportes no Brasil. Para isso, nos baseamos principalmente nos conceitos de “autodefinição” e “autovalorização” de Patrícia Hill Collins (2016), que também perpassam a experiência e o pensamento de Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez (Guimarães-Silva, 2021). Assim, é a partir dessa “tomada de voz”, especialmente em espaços seguros, que mulheres negras rejeitam as imagens construídas estereotipadas que foram construídas sobre elas e buscam uma redefinição dessas imagens a partir de suas próprias vivências, além de evidenciar a natureza interligada de opressão que elas sofrem (Guimarães-Silva, 2021).

<sup>38</sup>Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social - UFMG, souzacrafaela@gmail.com.



Assim, buscamos compreender como essas dinâmicas perpassam as mulheres negras que atuam, já atuaram ou gostariam de atuar no jornalismo esportivo. Para isso, realizamos uma coleta nos relatórios anuais da discriminação racial do Brasil, feita pelo Observatório Racial da Discriminação no Futebol, entendendo que esse seria um exemplo de “espaço seguro” para a reprodução de sentidos sobre a invisibilidade e a dupla opressão que mulheres negras sofrem no jornalismo esportivo. Dos 8 relatórios publicados entre 2014 e 2021, encontramos apenas 2 com textos produzidos por jornalistas negras (2020 e 2021), sendo elas: Débora Gares, Júlia Belas Trindade, Natália Andrade, Natália Silva e Rafaelle Seraphim. A partir da metodologia de análise de conteúdo (Bardin, 2016), buscamos identificar as principais temáticas acionadas nos cinco textos em consonância com os conceitos de autodefinição e autovalorização (Collins, 2016; 2019).

De modo geral, os resultados mostram que as seis jornalistas trazem a própria experiência ao mesmo tempo em que acionam uma perspectiva coletiva, principalmente através do questionamento sobre a falta de outras mulheres negras atuando no jornalismo esportivo, especialmente na televisão, e através do compartilhamento da própria vivência, contribuindo para que outras mulheres negras também enxerguem essas mesmas matrizes de opressão. Um exemplo disso está em um texto assinado por Júlia, que destaca como o número de mulheres no meio esportivo tem crescido nos últimos anos, mas destaca a dupla opressão sofrida por mulheres negras, conforme destacam outras autoras do pensamento feminista negro: “enquanto às mulheres brancas o machismo sofrido é constante - de novo, basta olhar os relatórios passados -, às negras, cabe a consciência de que, quando chegarem a estes espaços, o machismo não virá sozinho” (Trindade, 2021). Ou seja, além do machismo, as mulheres negras enfrentam o racismo e, em alguns casos, outras matrizes de opressão, como LGBTfobia, por exemplo.

Assim, nosso objetivo geral foi realizar um primeiro esforço de análise para compreender como mulheres negras que atuam ou já atuaram no jornalismo esportivo utilizam este espaço como forma de denúncia das opressões cruzadas que recaem sobre elas, além de acionarem a própria experiência em conjunto com uma ideia de vivência coletiva, a fim de reivindicar um lugar historicamente negado a elas, tanto no jornalismo esportivo, quanto na sociedade brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo esportivo; Interseccionalidade; Racismo; Gênero.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.



COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com o outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n° 1, Florianópolis, jan/abril, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

DANTAS, Monique de Andrade. Mulheres no jornalismo esportivo. 99f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

FORTES, Rafael. Estudos de esporte na área de comunicação: um panorama e algumas propostas. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 18, n. 2, p. 598-614, 2011.

\_\_\_\_\_. Um balanço dos estudos de esporte no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação de 2012. **Revista Contracampo**, n. 30, p. 83-100, 2014.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES-SILVA, Pâmela. **De Lélia Gonzalez a Marielle Franco: mulheres negras e seus processos comunicacionais interseccionais de resistência** (Doutorado em Comunicação Social) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

ISPS. **First Results of the Internacional Sports Press Survey 2011**. Prof. Dr. Thomas Horkey/Dr. Jörg-Uwe Nieland, Colônia, 3.10.2011.

TRINDADE, Júlia Belas. **Contra a mulher negra, machismo e racismo andam de mãos dadas no esporte**. In: MANERA, Débora Macedo da Silveira; CARVALHO, Marcelo Medeiros (Org.). Relatório Anual da Discriminação no Futebol. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2021. Disponível em: [https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2020/RELATORIO\\_DISCRIMINACAO\\_RACIAL\\_2020.pdf](https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2020/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2020.pdf). Acesso em: 14 nov. 2023.

VIMIEIRO, Ana Carolina; EUGENIO, Flaviane Rodrigues; PILAR, Olívia. **Estudos sobre mídia, gênero e esporte no Brasil: Narrativas do futebol feminino e algumas propostas**. No prelo.

VIMIEIRO, Ana Carolina; PILAR, Olívia; SOUZA, Rafaela Cristina de. **Quem são as mulheres do jornalismo esportivo brasileiro? Demografia, funções desempenhadas, veículos que as empregam e desafios interseccionais**. 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte. Anais do Intercom, 2023.



## REPRESENTAÇÕES SOBRE GRAVIDEZ E MATERNIDADE DE ISABEL SALGADO NA MÍDIA BRASILEIRA DOS ANOS 1980

RAQUEL SIMAS<sup>39</sup>  
PPGA/UFF – Colégio Pedro II

### RESUMO

A carioca Maria Isabel Barroso Salgado, considerada uma das maiores atletas do país, foi a primeira voleibolista mulher a jogar internacionalmente, atuou como técnica nas quadras quando poucas mulheres exercem ainda hoje a função e se posicionou politicamente sobre muitas questões, fossem eleições presidenciais, alimentação, racismo ou democracia no esporte. Seu pioneirismo repercutiu principalmente por ter conciliado a maternidade com uma profícua carreira e por ter permanecido em quadra mesmo durante as gestações. Isabel era mãe de cinco filhos, quatro gestados entre 1978 e 1987, no auge de sua atuação no vôlei de quadra e no momento em que esse transitava de um esporte amador para uma prática profissional. A atleta foi mencionada e protagonizou reportagens desde os anos 1970, tanto na mídia esportiva quanto em outros segmentos do jornalismo.

O objetivo desse artigo consiste em analisar os discursos da mídia nos anos de 1980 sobre gravidez e maternidade da Isabel, considerando o campo de possibilidades na prática esportiva de mulheres no período e a conciliação entre o projeto de maternidade e de carreira no esporte que orienta até os dias atuais um ativismo de mulheres em busca de direitos e permanência nesse mercado de trabalho. Como referenciais teóricos, Gilberto Velho e Saba Mahmood auxiliam na compreensão destes discursos através dos conceitos de projeto de vida e agência. Outras teóricas dos estudos de gênero como Claudia Rezende, Lucila Scavone e Cynthia Sarti lançam luz sobre a relação entre maternidade e carreira pautadas pelo movimento feminista que ganha força nas décadas de 1970 e 1980 no Brasil.

A pesquisa faz parte de um projeto de doutorado que investiga os sentidos da gravidez e da maternidade para esportistas de alto rendimento cuja metodologia parte de entrevistas semiestruturadas com atletas e ex-atletas habitantes do Rio de Janeiro. Para esta comunicação, importou verificar os discursos da mídia sobre gravidez e maternidade de uma atleta do vôlei, pensando que sua biografia informa sobre outras atletas também e a estrutura na qual se desenvolvem os projetos individuais da jogadora.

Os arquivos consultados se encontram na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional que

<sup>39</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, professora de Sociologia do Colégio Pedro II, e-mail: raquelsimas@id.uff.br



digitalizou os impressos dos três veículos de comunicação pesquisados: o Jornal do Brasil, o Jornal dos Sports e a revista Manchete. As seguintes expressões constituíram o mecanismo de busca nos periódicos nos anos de 1980 a 1989: “Isabel Salgado”, “Isabel do vôlei”, “gravidez de Isabel”, “Isabel grávida”, “Isabel Barroso”, “parto da Isabel” e “Isabel cortadora”. Após uma seleção para excluir os arquivos em duplicidade e aqueles que não diziam respeito à jogadora, analisei mais de 90 ocorrências, a maioria na sessão de esportes, algumas citações breves sobre a composição de equipes e algumas entrevistas e matérias maiores, poucas dessas com assinatura de autoria.

Primeiramente, cabe ressaltar que os esportes, outrora proibidos legalmente às mulheres para não causar prejuízos ao sistema reprodutivo, sofreram uma popularização na segunda metade do século XX, expansão que se deu, segundo Maria Schwengber (2012), por uma cultura do movimento físico sustentada pela ciência e pela tecnologia e pela atuação das feministas que buscaram ampliar as experimentações corporais e combater as desigualdades em muitos campos de atuação profissional. Mesmo que a prática do vôlei não tenha encontrado muitos obstáculos para as mulheres como outras modalidades esportivas, é significativo que uma atleta jogasse grávida rompendo com o senso comum que perdurava do esporte fazer mal ao corpo da mulher principalmente por afetar o seu aparelho reprodutor. Noções de saúde e doença são ressignificados com o auxílio da atuação da Isabel, na trajetória de uma atleta que não aceitou as convenções, mas que também vivenciava uma sociedade em que as concepções sobre esportes e mulheres mudavam.

Isabel parar a sua prática esportiva pelas gravidezes e para “cuidar da família” era bem visto naquele momento pela narrativa dos jornalistas da mídia esportiva, o que convivia também com um discurso exaltando esta guerreira, que tinha competitividade, sem suavidade, que fazia as adversárias temerem, mulher potente e que se impunha, longe do ideal de maternidade vinculado à domesticidade. Nas publicações que não era do jornalismo esportivo, os debates enfatizavam a possibilidade de conciliação da carreira de atleta com a criação dos filhos, Isabel sendo representada como uma mulher forte, racional e que não correspondia ao ideal de maternidade da geração anterior, restrito ao espaço da casa.

Desta forma, a ampliação do campo de possibilidades, ocorrida por uma série de mudanças no contexto do campo esportivo (a abertura para as mulheres da prática esportiva competitiva e a profissionalização do vôlei) e na sociedade como um todo, possibilitou que a carreira no esporte passasse a ser vista como um projeto de vida negociado dentro da maternidade.

Cabe pontuar que as conquistas e transformações na conciliação dos projetos de maternidade e carreira sofreram e continuam a sofrer com obstáculos relacionados à divisão sexual do trabalho, somando-se a isto as representações generificadas sobre os esportes e o corpo. Tanto aspectos materiais como simbólicos limitaram e



continuam a fazer a participação das mulheres nas práticas esportivas de alto rendimento.

A pesquisa em arquivo das representações sobre Maria Isabel Barroso Salgado numa amostra da mídia brasileira contribui para reflexão de como sua trajetória estava implicada num campo esportivo que abria possibilidades para a atuação de mulheres, o que não ignora as negociações e ações que partem de um agenciamento não apenas da Isabel como das atletas envolvidas. Os discursos vinculavam várias dimensões da jogadora: ser mulher, mãe, cidadã, atleta, política, algo que não envolve coerência de gramáticas. Então, se a grávida sobressaiu nas considerações dos jornalistas, segundo comentários da própria Isabel e de fato muita tinta foi gasta nessa associação, isto dialogava com os questionamentos de sua época, momento que as mulheres buscavam acessar o mercado de trabalho sendo mães, em gestações com pouco ou nenhum planejamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** maternidade; gravidez; esporte; vôlei; feminismo.

## REFERÊNCIAS

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. In: RIBEIRO, Ivete (org.) **Família e Sociedade Brasileira: Desafios nos Processos Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Fundação João XXIII, 1994.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. In: **Etnográfica**. v.10, n. 1, 2006, p. 121-158.

MESSNER, Michael. **Out of play: critical essays on gender and sport**, State Univeresity of New York Press, Albany, 2007.

ORTNER, Sherry. Poder e projetos: Reflexões sobre a Agência. Grossi, Miriam Pillar et alii (Orgs.). **Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas**. Blumenau, Nova Letra, 2007.

REZENDE, Claudia. A dor do parto: emoção, corpo e maternidade no Rio de Janeiro. **Anuário Antropológico**, p. 261-280, 2019.

\_\_\_\_\_. Sentidos da maternidade em narrativas de parto no Rio de Janeiro. **Revista Sociologia e Antropologia**, v. 10, p. 201-220, 2020.

ROMARIZ, Sandra Bellas de e MOURÃO, Ludmila. A história do voleibol contada por jogadoras de seleção brasileira no período de 1958 a 1989 In: **XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ**, Rio de Janeiro, 2006.

SARTI, Cynthia A.. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, 12(2), 35–50, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000200003>

SCAVONE, Lucila. **Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e ciências sociais**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.



SCHWENGBER, Maria Simone Vione. Mãe moderna: esportiva e forte. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 32, n. 87, p. 165-176, Aug. 2012.

TOSTE, Veronica. SORJ, Bila. Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

VELHO, Gilberto. Cultura de classe média – Reflexões sobre a noção de projeto In: **Individualismo e Cultura** - Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981. p.103-110.

\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.



## O IMAGINÁRIO DE MASCULINIDADES NOS CANTOS DA TORCIDA DO GRÊMIO *FOOT-BALL* PORTO ALEGRENSE

Soraya Damasio BERTONCELLO<sup>40</sup>  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

### RESUMO EXPANDIDO

O futebol, em especial aquele de *matriz espetacularizada* (Damo, 2005) é um importante marcador da cultura brasileira. De acordo com Archetti (1985), no futebol, encontramos uma série de símbolos que ajudam os indivíduos a pensar e categorizar suas relações sociais, e isso tem consequência nas maneiras como os atores sentem e percebem o mundo ao seu redor. O pressuposto de que, através do futebol, é possível analisar e compreender aspectos da realidade social, implica que atores envolvidos no esporte sejam capazes de comunicar, através de suas práticas, uma visão de mundo e noções de valores. Este artigo tem como objetivo identificar os imaginários de masculinidades presentes nos cantos da torcida do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre. Adoto a proposta de Silva (2019, p. 97), na qual o imaginário é “uma narrativa inconsciente ou uma ficção subjetiva vivida como realidade objetiva cuja formação ou cristalização permanece encoberta exigindo um descobrimento”. As noções de masculinidades variam de uma cultura para outra e nos diferentes momentos históricos (Kimmel, 1998) e por isso, não é possível abordar “masculinidade” no singular. Porém, existe uma masculinidade hegemônica que, para Connell e Messerschmitt (2013), é compreendida como um padrão de práticas que possibilita a dominação dos homens sobre toda a malha social. É uma masculinidade normativa e que subordina outras expressões de masculinidades, baseada em práticas de gênero que são socialmente aceitas. Diversas masculinidades coexistem em uma torcida dentro de um estádio de futebol (Bandeira, 2010), porém, as mais valorizadas neste espaço são aquelas que engrandecem atributos como a coragem e a virilidade. Para identificar e analisar os imaginários de masculinidades presentes nos cantos da torcida do Grêmio, será utilizada a Análise Discursiva de Imaginários (ADI), método proposto por Silva (2019) que oferece ferramentas para analisar discursos ou seus fragmentos, a partir de Tópicos Emergentes (TE), “essas pontas de icebergs que emergem do discurso como pistas dos imaginários encobertos” (Silva, 2019, p. 100). O corpus desta pesquisa está composto por dez músicas cantadas pela torcida do Grêmio em quatro jogos que o clube disputou como mandante em 2023, apreendidos através de observação participante da autora. Foi possível identificar 14 Tópicos Emergentes: álcool, amor único, alegria,

<sup>40</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS. Bolsista da da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001. E-mail: soraya.bertoncello@edu.pucrs.br



loucura, (dar a) vida, localismo, sempre estar, festa, alteridade, força, homofobia, delinquência, paixão e sentimento. Para estes tópicos proponho uma sistematização em quatro categorias: Festa (TEs: álcool, alegria, loucura, festa); Sentimento (TEs: amor único, alegria, loucura, paixão, sentimento); Pertencimento (TEs: dar a vida, localismo, sempre estar) e Violência (TEs: alteridade, força, homofobia, delinquência). As categorias ajudam a enxergar os grandes eixos abordados nos cantos, mas não devem ser entendidas como estanques, e os Tópicos abordados por cada uma muitas vezes se entrelaçam. Como “Festa”, tentei colocar os tópicos que se relacionam com a alegria de ser torcedor, de estar em um ambiente de celebração à história do clube, onde há música e encontramos nossos “pares” torcedores. A respeito de “álcool”, Tópico que também está dentro da categoria “Festa”, este sempre aparece como um elemento festivo, e não um catalisador de violência. “Sentimento” é uma categoria que se aproxima de “Festa” pela questão da alegria e os sentimentos expressados nos cantos são positivos. As demonstrações de afeto dos torcedores pelo time “são incomuns na maioria dos contextos de nossa cultura heteronormativa” (Bandeira, 2010, p. 349). Entretanto, a relação de afetos se dá entre os iguais, torcedores do mesmo time, que agem conforme os mesmos códigos daquele ambiente e pertencem à masculinidade aceita no ambiente do futebol. Por “Pertencimento”, entendo aqueles TEs que fazem referência a dar a vida pelo Clube/o clube ser a vida do torcedor, bem como a ideia do torcedor que vai estar sempre presente junto ao seu time do coração. É uma categoria que pode estar bastante próxima a “Sentimento” ao considerarmos o peso da paixão clubística no *entender-se parte de algo* de cada torcedor. As expressões que originam do espanhol, como o “borracho” ou “copeiro” são entendidas como pertencimento, uma vez que podem ser lidas como algo próprio do torcedor gaúcho e fazem referência ao imaginário do gaúcho viril (Leal, 2019). Por fim, a categoria “Violência” engloba os Tópicos Emergentes homofobia, força, delinquência e alteridade - aí incluindo o “outro” rival (Internacional). Conforme Bundio (2018), as representações nos cantos são sempre construídas em uma lógica excludente e polarizada, onde o “outro” sempre vem representado como uma alteridade radical no polo negativo de todas as escalas morais que não são relevantes para os torcedores “nós”. Se a masculinidade desejada e valorizada pelos torcedores é aquela hegemônica, cis-hétero-normativa, é claro que as identidades sexodissidentes são entendidas como algo inferior - daí as agressões homofóbicas. O futebol de matriz espetacularizada, especialmente o torcer, endossa uma masculinidade de virilidade exacerbada em detrimento de outras masculinidades, o que, além de excluir e invisibilizar mulheres e pessoas LGBT+s, pode afastar dos estádios aqueles indivíduos que não se ajustam a tais expectativas de masculinidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** futebol; torcida; imaginário; masculinidades; Grêmio



## REFERÊNCIAS

- ARCHETTI, Eduardo. Fútbol y ethos. In: **Monografías e Informes de Investigación**. Serie Investigaciones, Buenos Aires, n.7. 1985.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 342-351, 2010.
- BUNDIO, Javier. La construcción del otro en el fútbol. Identidad y alteridad en los cantos de las hinchadas argentinas. In: **Cuadernos de Antropología Social**. Buenos Aires, n. 47, junho, 2018.
- CONNELL, Raewyn, MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282. 2013.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 9, p. 103-117, 1998.
- LEAL, Ondina Fachel. Os Gaúchos: Cultura e Identidade Masculina no Pampa. In: **Tessituras**: Revista de Antropologia e Arqueologia. Pelotas, v. 7, n. 1, jan-jun., 2019
- SILVA, Juremir Machado. **O que pesquisar quer dizer**. Porto Alegre: Sulina, 2019.



## AS REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS SOBRE ASSÉDIO NO ESPORTE

TARCYANIE CAJUEIRO SANTOS<sup>41</sup>  
Universidade de Sorocaba, UNISO

### RESUMO EXPANDIDO

Meios de comunicação de massa e esporte são produtos da modernidade, decorrentes do século XIX e início do século XX. Nesse período, ao mesmo tempo em que são registrados avanços tecnológicos no campo da comunicação audiovisual (cinema, fotografia, telefone etc.), assiste-se ao processo de esportivização das antigas formas de passatempo – principalmente no Reino Unido e depois, para diversas partes do mundo. De uma prática inicialmente voltada para a elite, a popularização do esporte e sua profissionalização ocorre por meio de sua apropriação pela indústria do entretenimento e pela expansão do marketing esportivo em espetáculo de massa. Nela, as competições esportivas passam a ser moldadas pela lógica do consumo, incidindo sobre o modo como as diferenças são socialmente constituídas e legitimadas. As consequências disso é que o “esporte-espetáculo”, de alto rendimento e o “culto da performance” (EHRENBERG, 2010), em uma cultura de experimentação, auto superação e consumo passa a nortear o processo de hipermercantilização do esporte, fenômeno mais visível entre fins do século XX e início do século XXI. Nessa lógica, as/os atletas tornam-se símbolos de valores que norteiam as sociedades globalizadas, expressando e legitimando marcadores sociais das diferenças.

Desde o seu início, a prática esportiva cresceu e se diversificou muito, mas ainda é tradicionalmente reservada à esfera masculina, na qual os homens não apenas estão em maior número, como também são mais valorizados e mais bem remunerados do que as mulheres. No imaginário social, mulheres e homens atletas são inseridos em esferas diferentes: enquanto para eles, esportes de performance e impacto corporal simbolizam força e virilidade; para elas, estética, beleza e sensualidade surgem como fatores mais importantes do que propriamente a sua atuação esportiva. O esporte, como local de identidade e controle sobre os corpos, pode nos dizer muito sobre as mudanças socioculturais, nas relações de gênero, raça e cor. Especificamente, “para as mulheres, torna-se uma disputa por acesso a espaços, legitimidade, e recursos materiais e simbólicos, que encena de forma muito sensível, a luta maior para ter controle sobre o próprio corpo, e sobre a sua vida” (ALDEMAN, 2006, p.14). O aumento na prática de esportes por parte das mulheres na sociedade ocidental é considerável e de grande

---

<sup>41</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Programa de Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (UNISO), e-mail: tarcyaniecs@gmail.com.



importância para a compreensão do lugar que elas ocupam e o modo como elas ocupam esse espaço tradicionalmente de reserva masculina demonstra como ocorrem as relações de dominação de gênero, raça e classe em nossa sociedade.

Fundamentado na abordagem teórico-metodológica da hermenêutica de profundidade, de Thompson, dos estudos de gênero (BUTTLER, 2003, LOURO, 1995; SCOTT, 1995) e no conceito de representação de Stuart Hall (2016), este trabalho objetiva investigar de que modo a mídia vem abordando acontecimentos relacionados ao assédio no universo esportivo. A pergunta que guia este trabalho é: Em que medida e como as construções simbólicas sobre esse tema se entrecruzam com relações de dominação de gênero no mundo esportivo? Um dos resultados aponta para o fato de que as representações midiáticas vem dando visibilidade ao tema, por meio de campanhas e também de reportagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações de gênero; esporte; assédio.

## REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, v. 12, n. 1, p. 11-29, jan./abr. 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. São Paulo: Ideias e Letras, 2010

Hall, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC, Apicuri, 2016.

LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Auteêntica, 2016.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCOTT, Joan W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.



## A TRANSMISSÃO TELEVISIVA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA PRODUZIDA POR DIFERENTES EMISSORAS<sup>42</sup>

TATIANA ZUARDI USHINOHAMA<sup>43</sup>  
PPGCOM-UFF

LETÍCIA PASSOS AFFINI<sup>44</sup>  
FAAC/UNESP

MARCO ROXO<sup>45</sup>  
PPGCOM-UFF

### RESUMO EXPANDIDO

A Ginástica Artística feminina é uma modalidade esportiva em que há uma grande exposição do corpo feminino tanto em função da vestimenta quanto dos movimentos acrobáticos e de dança. Quando essa modalidade esportiva é exibida pela televisão, a transmissão pode mostrar a apresentação da atleta a partir de diversas visualidades desde destacar a sequência de movimentos quanto o corpo da atleta. Por isso, essa pesquisa propõe investigar como as emissoras de televisão internacionais mediarão às apresentações da Ginástica Artística (GA) por meio de comparativas análises textuais visuais. Para isso, utiliza-se um modelo de investigação proposto por Whannel, na década de 1990, para análises de transmissões televisivas de eventos esportivos. De modo que, para desvelar essas escolhas das transmissões, Whannel (1995) propôs cinco critérios visuais para serem observados, os chamados “princípios da transformação”, que são: o evento esportivo/evento televisivo; realismo e entretenimento; máximo de ação/mínimo de espaço; transformação do tempo; e presença e ausência. A observação desses princípios possibilita a pesquisa enquadrar as transmissões esportivas dentro de três convenções narrativas: jornalismo, entretenimento e drama.

As competições internacionais de ginástica artística são eventos regulamentados e realizados por uma entidade independente dos meios de comunicação, a Federação Internacional de Ginástica (FIG) e suas Federações Nacionais. Atualmente, a FIG passou, também, a delimitar o papel e as responsabilidades da emissora de

<sup>42</sup> Pesquisa realizada para publicação de artigo na revista *Revista Comunicare*.

<sup>43</sup> Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM-UFF), E-mail: tatianazuardi@hotmail.com

<sup>44</sup> Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente no curso de Comunicação Social: Radialismo e no Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia ambos da FAAC/UNESP. E-mail: affini@faac.unesp.br

<sup>45</sup> Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (PPGCOM-UFF). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM-UFF). E-mail: mroxo@id.uff.br



radiodifusão anfitriã, incumbida da transmissão televisiva<sup>46</sup>, além de toda a regulamentação esportiva da modalidade, como o formato das competições (Copa do Mundo, Etapa Mundial, Torneio). Com isso, para cada evento internacional, uma emissora televisiva é a responsável pela transmissão do mesmo. Por isso, para analisar diferentes transmissões, selecionou-se uma ginasta para acompanhar suas participações em eventos internacionais, uma vez que a sua rotina de movimentos é igual em todas as competições durante o ano. Optou-se pela atleta brasileira Carolyne Pedro, que participou e alcançou a fase final na competição de solo em três eventos internacionais no ano de 2016, a saber: Aberto de Ginástica do México, no México; *World Cup*, na Croácia; e o *World Challenge Cup*, no Brasil. Foi analisada apenas a construção televisiva do desempenho da atleta, transmitido direto e “ao vivo”, sem se estender para contextualização da competição, realizadas por três emissoras de televisão: *Televisa Deportes Network* (TDN)<sup>47</sup> - Mexicana, *Hrvatska radiotelevizija* (HRT- HTV 2)<sup>48</sup> – Croata e SporTV<sup>49</sup> - Brasileira, em três localidades: Cidade do México, Osijek e São Paulo.

A SporTV transmitiu em uma tomada, enquadrada pela câmera C1, acima do solo, distante do tablado, em Plano Geral (PG), a apresentação da atleta, apesar de dispor de outras câmeras em torno do tablado. Essa preferência discursiva da emissora mostrou a opção por um ponto de vista embasado na estética do real, em que o espectador tem acesso privilegiado ao conteúdo, a partir de uma câmera principal, a C1. Portanto, essa transmissão, sem corte e em um plano, encena um modo observacional de enunciar o evento, descrito por Solvoll (2015). Ou seja, a emissora SporTV elaborou uma transmissão apoiada nos valores jornalísticos, regulada pelo modelo de transmissão descrito por Whannel (1995), para transmitir o evento esportivo, em que o arranjo das imagens expõe um ponto de vista central, fundamentado na estética do real, sem manipular os recursos visuais televisivos e com um enquadramento abrangente da ginasta e sua ação esportiva.

A HRT propôs um ponto de vista aproximado e fechado das ações da ginasta, com câmeras no nível do tablado, também sem definir uma câmera principal para a transmissão, trocando-as conforme a apresentação e a gestualidade da atleta. Ou seja, A HRT ofereceu uma exibição televisiva da ginástica artística alinhada aos valores do entretenimento, uma vez que a emissora construiu sua transmissão em múltiplos pontos de vista, localizados principalmente no nível do tablado, próximos às ações esportivas, e manipulou a proporção das imagens em conjunto com o ritmo de corte, ressaltando e intensificando a ação esportiva durante a apresentação da ginasta.

<sup>46</sup> Obrigações das Emissoras de televisão anfitriã. Disponível em:

<[http://www.fig-gymnastics.com/publicdir/rules/files/en\\_Host%20Broadcaster%20Obligations%20Cycle%202017-2020.pdf](http://www.fig-gymnastics.com/publicdir/rules/files/en_Host%20Broadcaster%20Obligations%20Cycle%202017-2020.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2017.

<sup>47</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=if5s5Aiv03E>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

<sup>48</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=iry0B6i\\_gvI](https://www.youtube.com/watch?v=iry0B6i_gvI)>. Acesso em: 20 ago. 2017.

<sup>49</sup> Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5041226/>>. Acesso em: 20 ago. 2017.



A TDN definiu que as câmeras deviam acompanhar as ações da atleta em uma perspectiva frontal, por meio de movimentos de câmera mecânica (*tilt* e panorâmicas), sem bruscas mudanças de proporção na imagem dentro das tomadas. Os enquadramentos apresentados por essa transmissão foram de três tomadas em PG e cinco em Plano Conjunto (PC). Ou seja, a TDN propôs uma transmissão em que os valores do infoentretenimento revelaram-se equilibrados, mas divergente do modelo de Whannel (1995), com um ponto de vista centralizado. A emissora utilizou-se, na transmissão esportiva, de múltiplos pontos de vista, localizados acima e no nível do tablado, de acordo com a movimentação da atleta pelo espaço capturado pela disposição das suas cinco câmeras. Os pontos de vista acima do nível da área de competição exibiam o ambiente e localizavam a atleta espacialmente. Os pontos de vista na linha do tablado ofereciam uma perspectiva aproximada dos movimentos, mas sem intensificar a ação, com planos fechados e ritmo de corte acelerado. As mudanças de tomadas acompanhavam a apresentação da atleta, equilibrando os valores ideológicos da objetividade e da neutralidade com o da “boa televisão”.

Observou-se, portanto, que houve diferentes modos de representação esportiva na TV conforme juízo das emissoras apesar de existir diretrizes de transmissão televisiva definida pela FIG. Com isso, surge a necessidade de se avançar nas discussões sobre as transmissões televisivas de uma modalidade esportiva em que o corpo da atleta encontra-se em grande exposição e investigar questões abrangendo se há um interesse das emissoras de televisão de resguardar o corpo da atleta, ou essa preocupação deve ser regulada pela Federação? Da mesma forma que, como se transmitir a Ginástica Artística de forma a mostrar os movimentos sem invadir a intimidade da atleta nos planos mais fechado como Plano Conjunto, Plano Americano, Plano Detalhe?

**PALAVRAS-CHAVE:** Ginástica Artística; Transmissão Televisiva; Esporte; Televisão; Comunicação.

## REFERÊNCIAS

CASETI, F.; CHIO, F. **Análisis de la television:** instrumentos, métodos y prácticas de investigación. Barcelona: Paidós, 1999.

DAYAN, D.; KATZ, E. **Media events:** the live broadcasting of history. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

DUARTE, E. Ainda alguns apontamentos iniciais. In: JOST, F. **Comprender a Televisão.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

JOST, F. **Comprender a Televisão.** Porto Alegre: Sulina, 2007.



NEWCOMB, H. **TV: the most popular art.** New York: Anchor Book, 1974.

SCANNELL, P. **Television and the meaning of live.** Cambridge: Polity Press, 2014.

SOLVOLL, M. Football on television: how has coverage of the Cup Finals in Norway changed from 1961 to 1995? **Media, Culture & Society**, London, v.38, nº 2, 141–158, 2016.

WILLIAMS, R. **Television: technology and cultural form.** London: Taylor & Francis e-Library, 2004.

WHANNEL, G. **Fields in vision: television sport and cultural transformation.** London: Routledge, 1995.



## ÇA VA SPORTV: AS MULHERES NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO TELEVISIVA NO BRASIL

THAIS MAY CARVALHO<sup>50</sup>  
Universidade de São Paulo  
LUCIANO VICTOR BARROS MALULY<sup>51</sup>  
Universidade de São Paulo

### RESUMO EXPANDIDO

A história da mulher no esporte, assim como em outros campos sociais, é uma história de luta (Barreto, 2016; Miragaya, 2006; Romero, 2004; Rúbio, 2022; Sherrys et al., 2015, Veloso et al., 2021). Sendo assim, este artigo analisa a produção de um programa esportivo especializado em cobertura olímpica e o viés da participação das mulheres na mídia esportiva como pautas nesta cobertura. Para isso, a metodologia consistiu em uma pesquisa de campo, por meio de uma visita técnica ao local de produção do programa, com o intuito de obter informações sobre este processo por meio de entrevistas e observações. A pergunta que este trabalho busca responder é por que essas mulheres (e aqui estamos falando tanto das jornalistas, como das atletas) são atores e ocupam este espaço em um programa de esportes olímpicos?

Para debater esta questão e entender o porquê destas mulheres ocuparem este espaço, utilizaremos o conceito de olimpianos modernos, discutido por Edgar Morin (2009), que diz que a cultura de massa, com o auxílio da imprensa, leva novas figuras ao estrelato por realizarem feitos que a maior parte das pessoas não consegue e as transforma em modelos para o imaginário social, e ao mesmo tempo as humaniza para que os outros possam se identificar com elas. Veloso et al. (2021) diz que a mídia ajuda a construir uma narrativa do atleta como herói, desafiando vários tipos de limites.

O produto escolhido para esta análise foi o Ça Va Paris, do canal SporTV da Globo, pois ele é o único programa esportivo que está no ar na televisão brasileira cujo foco é a cobertura olímpica. A visita ao estúdio e à redação do programa aconteceu nos dias 06 e 07 de julho de 2023. Neste período foram realizadas entrevistas com quatro pessoas diretamente envolvidas na sua produção - Thiago Teixeira (editor responsável), Juliana Sampaio (editora de texto), Fabiana Alvim (apresentadora) e Ana Carolina Oliveira da Silva (produtora na editoria de esportes olímpicos) -, além da observação da preparação e da transmissão ao vivo do programa.

A partir desta visita técnica, foi possível notar alguns aspectos da produção do Ça Va Paris. Os entrevistados

<sup>50</sup> Mestranda, ECA-USP, thaismc@usp.br.

<sup>51</sup> Doutor, ECA-USP, lumaluly@usp.br.



destacaram que não há necessariamente uma busca para equilibrar os esporte masculinos e femininos no programa, mas que este balanço acontece naturalmente, já que nos esportes olímpicos, pelo menos no Brasil do século XXI, há muitos praticantes homens e mulheres. Para eles, a maior conquista é colocar o esporte olímpico, independentemente da modalidade e do gênero, em um espaço de destaque no jornalismo esportivo brasileiro, que é muito dominado pelo futebol masculino. Sampaio (2023) e Silva (2023) também destacaram que as pautas do Ça Va Paris são pensadas a partir dos esportes e atletas que estão mais em alta no momento por conta do calendário de competições, mas que sempre há espaço para boas histórias.

Na edição transmitida durante a observação, no dia 07 de julho, o programa foi dividido em duas partes: a primeira metade foi sobre o vôlei masculino, enquanto a segunda foi sobre o feminino, com a participação da convidada Carol Gattaz, atleta do Minas e da seleção brasileira. Das duas reportagens apresentadas, uma delas tinha como personagem uma mulher, Erica Senna, da marcha atlética. E no bloco "Termômetro", dois dos três atletas discutidos também foram mulheres: Camila Gomes, da ginástica de trampolim, e Rebeca Andrade, da ginástica artística. A presença destas atletas se dá justamente por seu destaque como olimpianas modernas, afinal, após anos de luta por inclusão e reconhecimento no meio esportivo, atletas como Gattaz, Senna, Gomes e Andrade conseguiram se destacar por seus feitos no esporte, e assim estarem presentes na cultura de massa por meio da cobertura televisiva.

Outro ponto importante levantado por Sampaio (2023) foi a questão da diversidade. Segundo ela, para que o conteúdo do programa traga uma ampla gama de pautas e um olhar mais sensível, é preciso que a própria equipe de jornalistas tenha diversidade, o que, segundo sua própria experiência, ela vê acontecer. Comparado com quando começou a trabalhar na área, mais de dez anos atrás, a editora diz que hoje existem mais mulheres, pessoas negras e da comunidade LGBTQIA+ trabalhando e nas posições de poder, o que é algo intencional.

Na fala dos quatro entrevistados, ficou claro que eles se preocupam com questões sociais e têm conhecimento sobre a problemática da inclusão das mulheres no meio esportivo. Eles também têm consciência sobre o seu papel e lugar de fala como comunicadores para contribuir com o debate de temas de interesse público. Este elemento é fundamental, já que a mídia, inclusive aquela especializada em esportes, cria e influencia espaços públicos de debate, inclusive sobre questões de gênero (Souza e Knijnik, 2007).

#### **PALAVRAS-CHAVE:**

Esporte olímpico; mulheres; televisão; SporTV.



## REFERÊNCIAS

ALVIM, Fabiana. Entrevista concedida a Thais May Carvalho. Rio de Janeiro, 6 jul. 2023.

SAMPAIO, Juliana. Entrevista concedida a Thais May Carvalho. Rio de Janeiro, 6 jul. 2023.

SILVA, Ana Carolina. Entrevista concedida a Thais May Carvalho. Rio de Janeiro, 7 jul. 2023.

TEIXEIRA, Thiago. Entrevista concedida a Thais May Carvalho. Rio de Janeiro, 6 jul. 2023.

BARRETO, Soraya. A representação feminina na mídia esportiva: o caso Fernanda Colombo. In: **Observatorio (OBS\*)**, v. 10, n. 1, p. 137-149, 2016.

MIRAGAYA, Ana Maria. **The Process of Inclusion of Women in the Olympic Games**. (Ph.D. Dissertation). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF. 2006.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

ROMERO, Elaine. A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. In. **III FÓRUM DE DEBATE SOBRE MULHER E ESPORTE >MITOS E VERDADES<**, São Paulo, p. 103-109, 2004.

RUBIO, Katia. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. In. **Revista Paulista De Educação Física**, v. 16, n. 2, p. 130-143, dez. 2002.

SOUZA, Juliana; KNIJNIK, Jorge. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. In. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 21, n. 1, p. 35-48, mar. 2007.

VELOSO, Rafael; ROSINA, Dhênis; PEREZ, Carlos. A heroine's journey: women's pioneerism and protagonism in Brazilian Olympic sport. In: RUBIO, Katia (organizer). **Women and sport in Brazil: many roles, a single struggle**. São Paulo: Laços, 2021



### **RACISMO NA MÍDIA ESPORTIVA:**

A reprodução de discursos racistas e os regimes racializados de representação na cobertura futebolística

VINÍCIUS LUCENA DE OLIVEIRA<sup>52</sup>

Universidade Federal de Pernambuco

### **RESUMO**

O futebol, por ser uma das manifestações culturais mais populares no contexto brasileiro, é atravessado por diversas problemáticas que se fazem presentes no convívio social. O racismo, que se manifesta de forma recorrente no universo futebolístico, é uma dessas problemáticas. De acordo com o Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol, elaborado pelo Observatório Racial do Futebol (2022), no ano de 2021 foram registrados 74 episódios de discriminação racial envolvendo atores ligados ao futebol brasileiro. Entre as vítimas, segundo o estudo, estão atletas, árbitros, torcedores, profissionais que atuam pelos clubes, integrantes da imprensa esportiva e familiares de atletas. Do frequente uso de estereótipos raciais (Hall, 2016; Hylton, 2009; MacNeill, 2006) às recorrentes injúrias raciais (Abrahão e Soares, 2009; Esteves, 2020; Vieira, 2003), os ataques, de acordo com o levantamento em questão, ocorrem em diversos ambientes: dentro dos estádios, nas redes sociais digitais, na imprensa, entre outros espaços.

No universo de 74 casos de racismo levantados pelo Observatório Racial do Futebol ao longo do ano de 2021, sete atos discriminatórios partiram de membros da imprensa esportiva. Os casos em questão compreendem comentários com teor racista difundidos em meios de comunicação – como emissoras de rádio e TV, jornais impressos e redes sociais – e em perfis pessoais de comunicadores (somente um caso). Em todos eles, futebolistas negros são colocados em situações de desumanização, por meio de discursos que reforçam os processos de diferenciação (Carneiro, 2023; Hall, 2016).

Entre os casos de racismo registrados nos quais os agressores são profissionais ligados à mídia esportiva, há episódios nos quais marcadores de gênero também atravessam a relação entre as partes envolvidas. Um deles diz respeito às agressões cometidas pela equipe responsável pela transmissão oficial da Série A1 do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, direcionadas a atletas que, na ocasião, defendiam o Esporte Clube Bahia em uma partida contra a Associação Atlética Nápoli, de Santa Catarina. Durante a transmissão ao vivo, por meio da plataforma digital *MyCujoo*, o comentarista Edson Florão mencionou os "cabelos exóticos" e a "vantagem" na estatura das jogadoras e chegou a ser endossado pelo narrador, Paulo Cesar Ferrarin: "Eu até 'tava' brincando com

<sup>52</sup> Mestrando vinculado ao Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos (PPGDH) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Bolsista CAPES; [vinicius.lucena@ufpe.br](mailto:vinicius.lucena@ufpe.br)



esses cabelos. Parece a Margareth Menezes (cantora), lá da Bahia” (Observatório, 2022).

A partir do estudo do caso mencionado no parágrafo anterior e de outras ocorrências, nas quais os discursos racistas são reproduzidos por profissionais de imprensa no âmbito da cobertura futebolística, propõe-se uma análise discursiva sobre como tais comentários – que são perpetuados constantemente em produtos midiáticos como o esporte de alto nível – recuperam enunciados e práticas historicamente repetidas no contexto da cultura (Gonzalez, 2020; Vieira, 2003) e, assim, acabam por sustentar relações de desigualdades através de "reproduções ideológicas" (Van Dijk, 2011). Tais enunciados atribuem aos corpos racializados características desumanizadoras, associando determinadas características ao “exotismo” (Souza, 1990; Carneiro, 2023). Nesse processo de instituição da diferença, os corpos negros são colocados, violentamente, em um lugar associado à primitividade, ao animalesco, no qual as características físicas, naturais, citadas anteriormente são ressaltadas no processo de fixação da alteridade, que coloca o homem branco em um lugar de centralidade (Carneiro, 2023).

Pretendemos, assim, situar os casos recentes de manifestações racistas na mídia esportiva em uma conjuntura mais ampla, um processo contínuo de construção do que Stuart Hall (2016) chama de regime racializado de representação, ou seja, "todo o repertório de imagens e efeitos visuais por meio dos quais a "diferença" é representada em um dado momento histórico pode ser descrito como um regime de representação" (Hall, 2016, p. 150). Nesse sentido, adotando uma abordagem que coloca o discurso em uma posição de centralidade na perpetuação do racismo nas sociedades contemporâneas (Van Dijk, 2010), pretendemos avaliar o impacto da reprodução desses discursos no âmbito do jornalismo esportivo, situando o jornalismo como um dispositivo pedagógico, de produção de saberes (Fischer, 2002).

Como um dos casos centrais neste estudo tem como alvo um grupo de mulheres negras, julgamos necessária a adoção de uma abordagem interseccional, reconhecendo que as identidades e as formas de opressão, em casos como o das atletas do Bahia, não são experienciadas de forma isolada, mas de maneira interconectada e interdependente (Collins; Bilge, 2021). A partir daí, situaremos o caso em questão em uma rede maior, cuja existência implica no afastamento de mulheres – negras, em especial – do universo da mídia esportiva (Seraphim, 2022).

Este trabalho é parte de uma pesquisa maior, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (PPGDH/UFPE), que busca analisar como se dão as produções de sentido construídas a partir das representações do Outro no contexto da comunicação esportiva brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** mídia; futebol; racismo; relações étnico-raciais; esportes.



## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, B. O. L.; SOARES, A. J. G. O Que o Brasileiro Não Esquece Nem a Tiro É o Chamado Frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, vol. 15, n. 2, p. 13-31; 2009.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- ESTEVES, E. **Pele alva e pele alvo**: uma análise sobre a cobertura do jornalismo esportivo audiovisual sobre casos de racismo no futebol. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020. Disponível em: <https://t.ly/vLxba>. Acesso em 12 nov. 2023.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo: v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia; RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora Puc Rio, 2016.
- HYLTON, Kevin. **Race and Sport**: critical race theory. Oxford: Routledge, 2009.
- MACNEILL, Margaret. Estudos de mídia do esporte e a (re)produção de identidades. In. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 9-38, set. 2006. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/36>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- OBSERVATÓRIO Racial do Futebol. **Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2021**. Porto Alegre: 2022. Disponível em: <https://t.ly/jJIoX>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- SERAPHIM, Rafaelle. E eu não sou uma mulher? In. **Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2021**. Porto Alegre: 2022, p. 154-155.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- VAN DIJK, Teun. **Racismo y discurso en América Latina**. Barcelona: Gedisa, 2011.  
\_\_\_\_\_. Análisis del discurso del racismo. **Crítica y emancipación: revista latinoamericana de ciencias sociales** Ano II, nº 3. Primeiro Semestre, 65 -94, 2010.
- VIEIRA, José Jairo. Preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro. In. **Teoria & Pesquisa**, São Carlos, v. 42-43, p. 221-244, 2003.

